

**MARIA ISABEL SOBREIRA LUCENA**

**AS RELAÇÕES COMERCIAIS ENTRE O BRASIL E A CHINA E SUAS  
PERSPECTIVAS**

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do curso de bacharelado em Relações Internacionais do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.  
ORIENTADOR: Alaor Silvio Cardoso

**BRASÍLIA-DF**

**2004**

**MARIA ISABEL SOBREIRA LUCENA**

**AS RELAÇÕES COMERCIAIS ENTRE O BRASIL E A CHINA E SUAS  
PERSPECTIVAS**

Banca Examinadora:

---

Prof. Alaor Silvio Cardoso  
(Orientador)

---

Prof. Cláudio Ferreira da Silva  
(Membro)

---

Prof. Carlito Roberto Zanetti  
(Membro)

**BRASÍLIA -DF**

**2004**

*Ao Criador, pela vida, pela força e pela oportunidade de conquista. Aos amigos que souberam suportar os momentos desagradáveis ao meu lado e por terem me proporcionado momentos de alegria e descontração. Aos familiares pela paciência e pela confiança que em mim depositaram. A todos os Mestres que passaram por minha vida em todo esse percurso acadêmico. Enfim, a mim, por ter suportado noites em claro, seja estudando, seja caindo na gandaia com os amigos que conquistei nesses 4 anos de convivência, desafios e vitórias alcançadas.*

## RESUMO

A crescente evolução das relações comerciais chinesas tem mobilizado os grandes mercados mundiais. A análise de suas relações com o mercado brasileiro será o objetivo dessa monografia. Portanto, será abordado o crescimento do comércio bilateral entre a China e o Brasil, após a entrada da China na Organização Mundial do Comércio (OMC), e a importância dessas novas oportunidades às exportações brasileiras. E, além disso, serão analisados o mercado consumidor desses dois países e seus negócios e, sobretudo, a necessidade do Brasil diversificar o seu mercado externo, sabendo da importância das exportações para o equilíbrio econômico, social e político do país.

Tendo conhecimento de que o grande fascínio e atração que o mercado chinês exerce, está diretamente associado a seus números gigantescos,- a China possui uma população de 1,3 bilhões de habitantes - assim como os seus indicadores referentes à evolução da economia e a média de crescimento atual - igualmente gigantescos - é de total importância fazer uma análise desses indicadores e assim, perceber as motivações do governo brasileiro na determinação de ampliar suas relações comerciais com a China. Nesse sentido, é muito oportuno o interesse do atual governo em estreitar seus laços com a China, manifestado na recente viagem do Presidente Luís Inácio Lula da Silva àquele país. Vamos falar contudo, da visita do Presidente da China ao Brasil, mostrando o seu firme interesse em outras parcerias com o nosso país.

## **ABSTRACT**

The growing development of the Chinese commercial relations has mobilized large world trade markets worldwide. The analysis of this relationship along with the Brazilian market will be the objective of this monography. So forth, it will be discussed the increased development within the bilateral relations in the area of commerce between China and Brazil after the Chinese entrance into the World Trade Organization (WTO) and the importance of these new enrollment opportunities to the Brazilian exportations. Furthermore it will be analyzed the consumer markets of these two countries as well as their respective businesses and negotiation enrollments and also the required need by the side of Brazil for foreign market diversification assessment as to the importance of the exportations for the economic, social and political equilibrium.

Having knowledge of the vast fascination and attraction that the Chinese market has exerted worldwide, we can further notice that it is directly associated with their gigantic numbers, China has a population of 1,3 billion people – and according to its indicators refered to its economical evolution and the current average growth – equally gigantic , it is of total importance a analysis to be carried of these indicators as well as to notice the Brazilian government motivation and determination in increasing their commercial relations ties along with China. In this sense, it is a very oportune moment to the interests of the current Brazilian government in strengthening its ties with China, manifested in the recent trip of president Luis Inácio Lula da Silva to that country. We are going to, after all, talk about the visit of the Chinese president to Brazil, showing his firm interest in others partnerships with our country.

## SIGLAS

<b>ADS</b>	Approved Destination Status
<b>BM&amp;F</b>	Bolsa de Mercadorias e Futuros de São Paulo
<b>BNDES</b>	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
<b>CBB</b>	Companhia brasileira de bicicletas
<b>CEBC</b>	Conselho Empresarial Brasil China
<b>CBCDE</b>	Câmara Brasil -China de Desenvolvimento Econômico
<b>CHALCO</b>	Iluminium Corporation of China
<b>CKD</b>	Completely Knocked Down
<b>CMEC</b>	China National Machinery and Equipment Import and Export Corporation
<b>COMEXPORT</b>	Companhia de Comércio Exterior
<b>COSIPAR</b>	Companhia Siderúrgica do Pará
<b>CTSUL</b>	Central Termelétrica do Sul
<b>CVRD</b>	Companhia Vale do Rio Doce
<b>DIC</b>	Divisão de Informação Comercial
<b>DPR</b>	Departamento de Promoção Comercial
<b>EU</b>	União Européia
<b>EUA</b>	Estados Unidos
<b>FMI</b>	Fundo Monetário Internacional
<b>FUNCEX</b>	Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior
<b>GMB</b>	General Motors do Brasil
<b>HEAI</b>	Harbin Embraer Aircraft Industry Company Ltda
<b>IDH</b>	Índice de Desenvolvimento Humano
<b>IED's</b>	Investimentos Estrangeiros Diretos
<b>INPE</b>	Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
<b>MDIC</b>	Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior
<b>MRE</b>	Ministério das Relações Exteriores

<b>OMC</b>	Organização Mundial do Comércio
<b>ONU</b>	Organização das Nações Unidas
<b>P&amp;D</b>	Pesquisa e Desenvolvimento
<b>PIB</b>	Produto Interno Bruto
<b>RBCE</b>	Revista Brasileira de Comércio Exterior
<b>RPC</b>	República Popular da China
<b>SECEX</b>	Secretária do Comércio Exterior
<b>SECOM</b>	Setor de Promoção Comercial
<b>ZEE's</b>	Zonas Econômicas Especiais

## SUMÁRIO

Tabelas de Siglas .....	vi
Introdução.....	1
Capítulo 1 - Marco Teórico.....	4
Capítulo 2 - Problema.....	8
Capítulo 3 - Metodologia .....	9
Capítulo 4 - Economia e Comércio Exterior da China.....	10
4.1 – Investimentos e Expansão Econômica.....	10
4.2 – Mercado chinês.....	14
4.3 – População e Renda <i>Per Capita</i> .....	21
Capítulo 5 - As Relações Comerciais entre Brasil e China .....	23
5.1 – Futuro do Comércio bilateral Brasil X China.....	29
Capítulo 6 – Perspectivas e Desafios do Comércio Brasil-China .....	36
6.1 – A visita do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva.....	38
6.2 – Perspectivas.....	39
6.3 – Acordos Comerciais.....	43
6.4 – Missão Oficial Chinesa.....	46
Capítulo 7 - Conclusão .....	48
Referências Bibliográficas .....	50

## INTRODUÇÃO

A República Popular da China, o maior país em desenvolvimento, o terceiro território mais extenso do mundo e o maior da Ásia, possui 9,6 milhões de km<sup>2</sup>. Considerado em 2003, o país mais populoso do mundo, com 1,3 bilhões de pessoas, ou seja, um quinto dos habitantes do planeta, conta, hoje, com 400 milhões de consumidores potenciais. Dentre suas principais cidades, estão Pequim (Capital), Xangai, Chongqing, Tianjin, Chengdu, Guangzha, Harbin e Shijiazhuang Mandarin. A cidade com maior densidade demográfica da China é Xangai (mais de 2.500 hab/km<sup>2</sup>). A região menos populosa é o Tibet (2 hab/Km<sup>2</sup>). O país mantém ainda relações comerciais com mais de 200 países e é considerado o 5º maior exportador e o 6º maior importador mundial. Localizada no Leste da Ásia, a República Popular da China possui como idioma oficial, o Mandarin e, como moeda, o Yuan/Renminbi. Seu Produto Interno Bruto (PIB), em 2003, atingiu o valor de US\$ 1,5 trilhões e o seu PIB “*per capita*”, o valor de US\$ 1.158.

Esta grande performance o faz, hoje, como um dos mais cobiçados parceiros comerciais, principalmente pelo fato de apresentar um grande crescimento ao longo dos últimos vinte anos. Dois fatores podem ser vistos como facilitadores de seu desenvolvimento: a modernização e a transformação político-econômica. A divisão administrativa demarca a China em 43 unidades, incluindo quatro municípios sob jurisdição central (a capital Pequim, Xangai, Tiajian e Chanqing), 23 províncias, 5 regiões autônomas (Mongólia Interior, Zhuang, de Xiajiang, Tibet, Hui, de Ningxia, Uigur, de Xiajiang). Em relação ao segundo fator, de fundamental importância, pode-se relatar que a China se considera uma sociedade socialista e que prioriza os interesses da população buscando a concordância nos assuntos de interesse comum. Portanto, pode-se dizer, em outras palavras, que a República Popular da China chegou ao atual estágio de desenvolvimento graças a sua capacidade de planejamento e ao dinamismo da constante reestruturação econômica.

Em relação ao meio ambiente, a China é rica em recursos naturais e apresenta reservas de todos os minerais conhecidos no mundo. O país é classificado como o 3º do mundo em termos em reservas minerais<sup>1</sup>.

Possui também a quinta maior reserva de ferro do mundo, ficando atrás somente da Rússia, do Brasil, do Canadá e da Austrália. Cabe lembrar a existência de reservas abundantes de petróleo, de gás natural, de xisto, de fósforo e de enxofre.

Refletindo amplamente o êxito da verdadeira revolução que significou a abertura para a economia de mercado, decretada em 1979, o PIB subiu, neste ano, 12,8% para alcançar os US\$ 420 bilhões, o 10º do ranking internacional. Desde 1979 a produção industrial da China vem crescendo em ritmo acelerado com uma taxa média de 11.6%<sup>2</sup>, estimulada pela exportação e pelo revigoramento do mercado interno. De todas as indústrias chinesas, as de energia térmica, hidrelétrica e nuclear são as mais desenvolvidas, fazendo com que o país ocupe, hoje, o segundo lugar no mundo em termos de capacidade de geração e produção de energia elétrica.

Portanto, a China, sustentada por um crescimento do Produto Interno Bruto, este que se manteve sempre superior a 7% ao ano, ocupa desde 1991, o terceiro lugar entre os países para os quais o Brasil mais exporta, ficando atrás apenas dos Estados Unidos e Argentina. Hoje, além da soja (que representa 70% da exportação brasileira para a China) e do minério de ferro, o Brasil também vende aço, automóveis, autopeças, celulose, máquinas e instrumentos mecânicos, suco de laranja dentre outros. E, graças à entrada da China na OMC em 2001, o que contribuiu para o incremento do comércio bilateral entre China e o Brasil em 2002, e ainda com a derrubada das barreiras fitossanitárias, o Brasil também exporta frango e carne bovina para os chineses.

A parceria entre esses dois países está se desenvolvendo e crescendo de forma positiva para ambos, conforme a densidade das suas relações, do aumento do

---

<sup>1</sup> A maior fonte de energia da China é o carvão, que corresponde a 75% do consumo nacional de energia. Fonte: Ministério das Relações Exteriores. "Comércio Exterior" IN: **Como exportar**. Brasília: MRE, 2004.

<sup>2</sup> Ministério das Relações Exteriores. "Economia, moeda e finanças" IN: **Como Exportar**. Brasília: MRE, 2004.

comércio e dos investimentos bilaterais. Vale ressaltar que a China, tornou-se um dos maiores destinos dos investimentos estrangeiros. Em 2002, a China conseguiu atrair uma soma de US\$ 49.307,98 milhões de investimentos diretos estrangeiros, principalmente porque trabalha para isso de uma forma prioritária e profissionalmente organizada. A criação de importantes “*Joint Ventures*” e de projetos de cooperação científico e tecnológico entre os dois países, tem contribuído para estreitar o relacionamento bilateral. Com base em benefícios mútuos, no desenvolvimento em conjunto de seus comércios e com os esforços ativos dos dois governos, o relacionamento tende a se tornar um belo exemplo na cooperação Sul-Sul.

A expectativa do nosso Presidente Luiz Inácio Lula da Silva é que sua visita à República Popular da China, em maio de 2004, resultará em grande impulso ao comércio bilateral, no que diz respeito ao Brasil. Os dois governos pretendem estabelecer no plano internacional, uma relação de médio e longo prazo com visitas ao desenvolvimento econômico e social de seus respectivos países.

Tendo conhecimento de suas características próprias no que se refere aos recursos e ao potencial industrial, de suas dimensões, do papel regional que exercem, dos grandes desafios de desenvolvimento econômico-social que devem enfrentar e da condição de ambos como grandes países em desenvolvimento, é altamente desejável para a ordem Internacional um fortalecimento de suas relações, seja em uma esfera política, ou mesmo num plano econômico-comercial.

## CAPÍTULO 1 - MARCO TEÓRICO

Para a elaboração desta monografia, tomou-se como base os livros do autor Carlos Tavares de Oliveira, intitulados: “O Despertar da China, 1980-2002: Crescimento Acelerado”, e “Estados Unidos e China: O Desafio Econômico”. Foram usados ainda livros dos autores Durval de Noronha Goyo Jr.; John Ferencz McNaughton; e Winnie Pang Xiaofang, intitulado: “A China Pós-OMC: Direito e Comércio”, um estudo realizado pelo Ministério das Relações Exteriores, intitulado: “Como Exportar”, e uma outra obra essencial do autor Paul R. Krugman, intitulada : “Economia Internacional: Teoria e Política. Por fim, um outro documento de grande importância, foi o livro do autor Jonathan Story, intitulado: “ China: A Corrida para o Mercado”.

Como complemento foram ainda utilizadas três revistas. A primeira é da Câmara Brasil – China de Desenvolvimento Econômico (CBCDE), intitulada: “Parceria Brasil-China”. A Segunda é do Ministério das Relações Exteriores, intitulada: “Brasil e China: Parceria de Dois Gigantes”, e a última é a Revista Brasileira de Comércio Exterior (RBCE), um estudo da Funcex, artigo “Brasil- China.”

O livro, “O Despertar Da China, 1980-2002: Crescimento Acelerado” do autor Carlos Tavares de Oliveira trata, dentre outros assuntos, da evolução histórica e econômica da China. Segundo o autor, a abertura para o comércio exterior Chinês se deu a partir de 1979, mas foi a partir de 1988, quando o país resolveu adotar algumas medidas de ajuste econômico, que houve crescimento das rendas externas e aumento do capital estrangeiro. De 1979 a 1989 foram exportados, US\$ 292,97 bilhões<sup>3</sup>. Houve um rápido crescimento nesses onze anos, mas a China tinha com ela vários fatores favoráveis para tal crescimento. Dentre eles, sua estabilidade política, econômica e social, sua abertura e ampliação da cooperação econômica e comercial com o exterior. Neste período, a China já mantinha relações comerciais com o Brasil. Em 1989, importava do nosso país produtos como aço, minério de ferro, soja, algodão e tabaco. No entanto, havia pouca variedade nas exportações.

---

<sup>3</sup> OLIVEIRA, Carlos Tavares de. “A evolução do Comércio Exterior” In: **O Despertar da China, 1980-2002: Crescimento Acelerado**. São Paulo: Ed. Aduaneiras, 2002. 2ª Edição.

Somente o petróleo representava 80% de tudo o que o Brasil adquiria deste gigante asiático.<sup>4</sup>

A obra, intitulada: “Estados Unidos e China: O Desafio Econômico”, trata, dentre muitos outros assuntos, dos fatos marcantes da revolucionária abertura da China para a economia de mercado, ocorridos entre 1993/1994. e os principais problemas econômicos chineses no período de 1991/2001. No entanto, sua economia emergente, surgiu como uma nação que apresentou as mais elevadas taxas de crescimento nos últimos anos, e passou a ser considerada no ano 2000, como uma das maiores economias mundiais, em condições de se igualar com os Estados Unidos. As vendas externas chinesas elevaram-se a US\$ 249 bilhões e o PIB cerca de US\$ 1,1 trilhão neste ano<sup>5</sup>. Segundo o autor, “o Brasil, outra potência emergente, de reconhecida capacidade, com população e reservas econômicas bem maiores do que a Alemanha e Japão, tem tido os meios de figurar entre as principais nações do século XXI, tornando-se ponto de equilíbrio entre as duas superpotências”<sup>6</sup>.

Um outro estudo utilizado foi a oportuna obra “A China Pós-OMC”. Neste estudo, demonstra-se que o comércio bilateral entre Brasil e China após seu ingresso na OMC marcou novas oportunidades de crescimento para as exportações brasileiras. Sabe-se que a China, além de ser detentora de uma das principais economias globais, é também, um parceiro comercial importante. Hoje, os principais produtos das vendas brasileiras para a China concentram-se no aço e na soja. Quanto às importações, destacam-se as máquinas, aparelhos e materiais elétricos, combustíveis, óleos e ceras minerais.

Com base no estudo realizado pelo Ministério das Relações Exteriores, referente ao livro “Como Exportar”, demonstra-se que desde o ano passado, a China é o terceiro maior comprador de produtos brasileiros e sua voracidade compradora só perde para os Estados Unidos e quase empata com a da Argentina. Segundo os

---

<sup>4</sup> As importações totalizaram US\$ 940 milhões enquanto que as exportações da China ao Brasil foram de US\$ 84,46 milhões em 89. Fonte: OLIVEIRA, Carlos Tavares de, op. cit. pág. 121.

<sup>5</sup> OLIVEIRA, Carlos Tavares de. “*Exportação é mesmo a solução*”. IN: **Estados Unidos e China. Desafio Econômico**. São Paulo: Ed. Aduaneiras, 2002. 2ª Edição.

<sup>6</sup> OLIVEIRA, Carlos Tavares de. Op. Cit. pág 3.

investimentos chineses no Brasil, o grande símbolo de negócio da China é uma empresa privada - a Vale do Rio-Doce, maior exportadora de minério de ferro do mundo<sup>7</sup>. O Brasil deve continuar ampliando suas exportações, buscando uma maior diversificação de sua pauta, sobretudo maior participação nos produtos de alta tecnologia.

Com a obra do autor Paul Krugman, aprimorou-se este trabalho, por meio da análise que o autor faz dos ganhos provenientes do comércio internacional e as vantagens comparativas. Segundo o autor, os países vendem bens e serviços uns para os outros visando o benefício mútuo, mesmo quando um deles seja mais eficiente que o outro, ou seja, que tenha uma produtividade maior que o seu parceiro comercial em todas as indústrias. No entanto, percebe-se ainda que o comércio entre os dois países pode beneficiar a ambos, se cada um produzir os bens nos quais possui vantagens comparativas.

Através da obra do autor Jonathan Story, pôde-se fazer um estudo sobre o desenvolvimento da China desde, as suas relações sino-americanas, a sua entrada para a OMC, o relacionamento entre o estado e o mercado, a sua reforma interna e os ganhos provenientes do crescimento das relações sino-brasileiras. A China tem uma grande oportunidade de se tornar uma grande potência por meio do desenvolvimento interno pacífico e pela busca de uma política externa inspirada em exercer uma influência importante nos assuntos mundiais. A China está vivenciando cada vez mais a transição de uma economia centralizada para uma economia de mercado e uma transição de uma sociedade rural para uma sociedade urbana. Quando deu os primeiros passos em direção a uma reforma econômica, era um país desesperadamente pobre, incapaz de sustentar sua crescente população. O autor, faz portanto, uma análise sobre a transformação da China no contexto da estrutura atual dos assuntos internacionais, e sobre a sua incorporação à economia global, Examina também, as reformas econômicas e políticas, não esquecendo de penetrar nas reformas do sistema de negócios da China, onde percebemos a importância das corporações multinacionais que operam no país.

---

<sup>7</sup> No ano de 2003 foram vendidos 29,5 milhões de toneladas para o país asiático. Fonte: TELES, Lisete. Negócios com muita têmpera. **Revista Brasil e China:A parceria de dois gigantes**, São Paulo, p. 29-34, junho. 2004.

As revistas, intituladas: “Parceria Brasil-China” e “Brasil e China: Parceria de dois Gigantes”, são revistas que contêm informações atuais, do ano de 2004. Dentre muitos assuntos, pode-se fazer uma análise sobre os dados comerciais da relação bilateral Brasil-China, principalmente no que diz respeito às exportações, importações e balança comercial entre os dois maiores países em desenvolvimento. A China tem muito a contribuir para o desenvolvimento da economia brasileira. Além de perspectivas de crescimento na área comercial, as empresas chinesas despontam como parceiras promissoras de empresas brasileiras para a constituição de “*Joint Ventures*” e para a realização de investimentos no Brasil. Os avanços de cooperação em ciência e tecnologia, em particular, na área espacial, é outro grande exemplo de cooperação Sul-Sul. Por fim, os dois países resolveram estabelecer relações de longo prazo, estáveis e capaz de trazer benefícios mútuos, marcando assim, uma nova fase das relações sino-brasileiras.

Na Revista Brasileira de Comércio Exterior, o estudo Funcex analisa dentre outros assuntos o perfil do comércio Brasil-China, mostrando as razões do desempenho excepcional dos fluxos comerciais brasileiros com a China nos anos recentes. De fato, entre os anos de 1999 e 2003 as exportações brasileiras para a China cresceram onze vezes mais rápido que o total, fazendo a participação chinesa na pauta subir de 1,4% para 6,2%, tornando-se nosso terceiro maior parceiro comercial. No que se refere as importações, a trajetória brasileira também tem sido impressionante. As compras originárias da China vêm crescendo cerca de 150% no mesmo período, enquanto as importações totais do Brasil acumularam queda de 1,9%. Todo esse percurso, é mostrado através de gráficos que objetivam facilitar o entendimento durante a leitura.

## **CAPÍTULO 2 - PROBLEMA**

Tendo em vista, a evolução do comércio entre o Brasil e a China e os acordos firmados em áreas de grande interesse para ambos os países, esta monografia pretende fazer uma análise desse comércio bilateral, e de suas perspectivas, bem como, mostrar a importância desse comércio para o crescimento e desenvolvimento de ambos os países.

O aumento das exportações brasileiras, beneficiado entre outros fatores pelo câmbio vantajoso, o aumento da competitividade, a grande evolução agrícola, passa pela diversificação de mercados compradores. Nesse período de globalização a palavra chave é sempre diversificar os parceiros no que se refere ao comércio internacional. Nesse caso específico, a China, com seus altos e constantes índices de crescimento econômico, e levando-se em conta o aumento de sua participação no comércio mundial, representa para o Brasil um mercado extremamente promissor e de grande potencial.

A visita do Presidente Luís Inácio Lula da Silva à China, no mês de maio de 2004, e a visita do Presidente da China, Hu Jintao, ao Brasil em Novembro deste mesmo ano, acentuam a importância que os dois governos dão ao estreitamento dos laços que ligam esses países e no aprofundamento de suas relações bilaterais. Também é um marco na pauta das relações dessas potências emergentes, uma da Ásia, outra da América do Sul, e demonstra a vontade de ambos em ampliar e intensificar essas relações de forma positiva e respeitosa.

A análise desse relacionamento tem sido o foco das atenções de grandes potências e representa um tema de enorme importância no atual cenário mundial. É um assunto vivo, que está em andamento agora, apresentando portanto, dificuldades em seu enfoque. A dinâmica e a velocidade com que os acontecimentos mundiais se desenvolvem faz com que qualquer análise, por mais completa que seja, torne-se logo envelhecida. No entanto, aceitou-se o desafio de focar essa temática como a questão principal desta monografia.

### **CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA**

Esta monografia foi elaborada por meio de uma análise exploratória e descritiva da evolução do comércio sino-brasileiro, desde a abertura do mercado chinês, assim como das perspectivas de crescimento que podem trazer benefícios para ambos os países. Portanto, foram utilizadas tabelas de exportações e importações com dados do comércio bilateral entre o Brasil e a China, retiradas do site do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC) e da Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (FUNCEX).

Para a pesquisa bibliográfica, foram utilizados os livros dos autores Carlos Tavares de Oliveira, Paul R. Krugman, Edmundo Sussumi Fujita, Durval de Noronha Goyos Junior, John Ferençz MacNaughton e Winnie Pang Xiaofang. Esses livros tiveram importância para o esclarecimento e o entendimento da questão em foco e para o desenvolvimento da monografia. E, como complemento para os estudos, utilizou-se a leitura das revistas técnicas e informativas da Câmara Brasil-China de Desenvolvimento Econômico (CBCDE), Ministério das Relações Exteriores (MRE) e a Revista Brasileira de Comércio Exterior (RBCE). Esses órgãos oferecem dados relevantes, na verdade imprescindíveis, que servem de parâmetros para estudiosos, empresas e para o estabelecimento de políticas de importação e exportação.

Para finalizar a pesquisa sobre as perspectivas do comércio bilateral entre o Brasil e a China, por meio da Divisão de Operações de Promoção Comercial do Itamaraty, o professor e diplomata Rodrigo de Azeredo acresceu informações sobre a China e suas relações com o Brasil, dispondo de dados essenciais para a conclusão desta monografia. Através dessa entrevista, pode-se fazer uma análise dos acordos firmados entre os dois governos, durante a visita do Presidente Luís Inácio Lula da Silva à China. Esses acordos são de total importância para o crescimento e o desenvolvimento de ambos os países. Eles serão mostrados no capítulo referente as Expectativas e Desafios do Comércio Brasil-China.

## **CAPÍTULO 4 - ECONOMIA E COMÉRCIO EXTERIOR DA CHINA**

A China de hoje é bem diferente daquela de 1949. Até a década de 70, o país manteve a condição de mero coadjuvante da guerra fria, não se envolvendo profundamente nos conflitos entre os norte-americanos e soviéticos. Nesse período, os maiores problemas eram internos, como ondas de fome, perseguições políticas e disputas pelo poder dentro do Partido Comunista.

O governo chinês, no final da década de 70, ciente da distância entre o crescimento econômico do país e do resto do mundo, tomou a iniciativa de reformar o sistema econômico aplicado por tantas décadas. Então, após três décadas de isolamento, a partir de 1978, a República Popular da China iniciou um processo de abertura de sua economia aos investimentos estrangeiros, buscando facilidades para o desenvolvimento de uma economia de mercado e fortalecimento do setor privado.

Há pouco mais de duas décadas, antes de sua abertura ao mercado externo, as exportações chinesas limitavam-se a US\$ 9,7 bilhões<sup>8</sup>. E por muito tempo, o governo chinês, considerou a agricultura, a pecuária e a pesca como bases da economia nacional. No entanto, desde a década de 90, a produção de cereais, carne, algodão, amendoim e tabaco detém o primeiro lugar no mundo<sup>9</sup>.

### **4.1 Investimentos e expansão econômica**

A espantosa expansão econômica nas últimas décadas é fundamentalmente baseada em investimentos estrangeiros, além de sua modernização e estabilidade política conseguida pela bem-sucedida transformação, que tem facilitado o progresso deste país. Os maiores investidores são em geral de japoneses e norte americanos que instalaram suas multinacionais nas chamadas Zonas Econômicas Especiais (ZEEs).

---

<sup>8</sup> OLIVEIRA, Carlos Tavares de, op. Cit. Pág. 130.

<sup>9</sup> Ministério das Relações Exteriores. "Economia, Moeda e Finanças" In: **Como Exportar**. Brasília: MRE, 2004.

As ZEEs foram criadas em 1984 e são cidades chinesas onde o governo permite a instalação de empresas estrangeiras, ávidas pela mão-de-obra barata, pelas facilidades fiscais e pelo mercado consumidor em potencial que o país possui. As ZEEs são todas voltadas para o mercado externo, não só é livre a entrada e saída (inclusive de lucros e dividendos) de capitais estrangeiros, assim como as exportações são isentas de impostos, além de disporem de financiamento adequado. Situam-se geralmente em cidades litorâneas, próximas de portos e conseqüentemente de rotas comerciais marítimas. Essa localização estratégica objetivou promover o crescimento das exportações e contribuir para o recente surgimento de novas características no comércio exterior Chinês como, por exemplo, o aumento da proporção de matérias-primas e bens intermediários na pauta de importações do país. Especialmente nos ramos de calçados, brinquedos, eletrodomésticos e têxtil.

A China se auto-intitula uma sociedade socialista com abertura de mercado. Ela alia investimentos estrangeiros, mão-de-obra barata e disciplinada, com produção industrial voltada em especial para a exportação. Com essa mistura a economia cresceu em média 9% ao ano, entre 1978 e 1998, enquanto que nesse mesmo período, os países ricos do planeta tiveram um crescimento médio de 2%<sup>10</sup>.

Decorridos quase trinta anos (desde 1978) e, devido à sua estabilidade política, potencial econômico e o ingresso na Organização Mundial do Comércio (OMC), em 2001, a China é considerada uma potência regional e um dos parceiros mais promissores para o desenvolvimento externo, tanto na política quanto nas relações comerciais. A entrada do país na OMC, foi sem dúvida, uma das principais razões para o crescimento do comércio bilateral com o Brasil. Ela permite que as negociações sejam feitas em bases mais seguras, transparentes e legais e evita mudanças de legislação. Essa inserção da China na OMC despertou a confiança do Brasil e aumentou o número de empresas exportadoras e importadoras brasileiras interessadas em comercializar.

---

<sup>10</sup> Em 1992, o Comércio Exterior da China somou quase US\$ 200 bilhões, sendo as exportações um total de US\$ 92 bilhões e as importações, um valor de US\$ 104 bilhões. Fonte: OLIVEIRA, Carlos Tavares de. "*Zhu Comanda a Economia*". In: **Estados Unidos e China: O Desafio Econômico**. São Paulo: Ed. Aduaneiras, 2001. 2ª Edição.

Em 2001, foram introduzidas reformas em várias áreas. Entre elas, as principais providências tomadas pela China na sua reforma econômica foram um conjunto de medidas específicas para a atração de investimentos internacionais, visando às exportações. Além disso, foi concedida a isenção de alguns tributos e também a autorização para imediatas remessas de lucros e dividendos, desde que as empresas estrangeiras se comprometessem a exportar parte de sua produção. O resultado dessa política é que metade das exportações chinesas correm por conta das multinacionais ali instaladas. A China, portanto, tem atraído grandes investimentos externos diretos e multiplicado por mais de trinta vezes as suas exportações.

A China é o único mercado mundial que cresce ininterruptamente há 20 anos. A média anual de crescimento está em 9%, o que faz dela a dona de um Produto Interno Bruto, de US\$ 1,5 trilhões, reservas de US\$ 420 bilhões e exportações na casa de US\$ 438 bilhões, já no final do ano de 2003. Depois dos Estados Unidos e União Européia, é o maior importador do mundo, cerca de US\$ 412 bilhões por ano. Seu comércio externo soma hoje mais de US\$ 850 bilhões, o que a torna respectivamente, a quinta maior exportadora e a sexta maior importadora mundial<sup>11</sup>. O país tem hoje condições realistas de vir a ser uma superpotência que contrabalance o peso dos Estados Unidos no mundo. A China em 2002, teve uma arrecadação de investimentos externos no valor de US\$ 49.307,98 milhões. Os investimentos externos são a base fundamental para o progresso desse país. Os chineses mostraram ao mundo que o capital estrangeiro pode ser aproveitado sem ter que mexer no monopólio estatal e nem na Constituição e que a soberania de um país é definida pela sua independência econômica<sup>12</sup>.

A tendência para o investimento estrangeiro na China tem sido consistentemente alta. Os fluxos de Investimentos Estrangeiros Diretos (IEDs) mantiveram-se modestos nos anos 80. Na realidade, esses fluxos foram instigados pelo conjunto de fatores nas economias doméstica e mundial. O reduzido crescimento do Japão, dos Estados Unidos e da União Européia no início da década

---

<sup>11</sup> Revista Parceria: Brasil-China, São Paulo: RBCDE, ano II – número especial – Maio, 2004.

<sup>12</sup> FUJITA, Edmundo S. “*O Brasil e a China – Uma Parceria Modelar*” In: **Política Externa**. São Paulo: Paz e Terra. Março a Maio 2004.

fez que os executivos-chefes saíssem procurando por oportunidades de negócios, ao passo que as empresas estatais chinesas responderam à maior concorrência em seus mercados domésticos, procurando ajuda externa.

De 1995 a 1996, os IEDs responderam por 25% do investimento doméstico, 13% da produção industrial, 31% das exportações, 11% da arrecadação de impostos e dezesseis milhões de empregos, o que coloca a China com os Estados Unidos e Reino Unido, entre os principais receptores de IEDs, e o principal receptor de IED entre os países em desenvolvimento (no ano de 1990, as IEDs na China responderam por 25-30% do total encaminhado aos países em desenvolvimento)<sup>13</sup>. Continuaram a crescer até 1997 e depois, com o colapso financeiro da Ásia Oriental, começaram a decrescer. Então, a entrada da China à OMC em 2001, teve como um dos propósitos assegurar que as multinacionais continuassem a crescer em seu território. Pode-se dizer que o principal impacto dos IEDs foi o de estimular a economia doméstica e acelerar a inserção da China na divisão global do trabalho.

É interessante observar que entre 1978-2000, o comércio da China cresceu quatro vezes e meia mais rapidamente do que o comércio global – um feito não visto em qualquer outro país<sup>14</sup>. As empresas estrangeiras tiveram um papel importante. Em meados 1980-2000, sua participação nas exportações da China cresceu de 11% para 45%. O crescimento das exportações é um fator essencial na transformação futura da China por vários motivos, entre eles: a China obtém grandes saldos comerciais com os Estados Unidos (EUA) e União Européia (UE). O comércio de empresas de capital estrangeiro com o Japão está equilibrado. Isso mostra que a China se tornou uma base de montagem para as subsidiárias asiáticas que exportam para mercados ocidentais e um centro de operações para as corporações dos EUA e UE que transferiram suas atividades para a China. Por fim, os Investimentos Externos Diretos têm sido uma importante fonte de financiamentos externos. De 1992-1998, os Investimentos Externos Diretos foram 70% dos recursos externos totais injetados na economia, o que permitiu que a China desenvolvesse

---

<sup>13</sup> JONATHAN, Story. “*Compreendendo Bem a China: A Experiência Multinacional*” In: **China: A Corrida para o Mercado**. São Paulo: Ed. Futura, 2004.

<sup>14</sup> JONATHAN, Story, op. Cit. Pág. 348.

uma dívida externa gerenciável e vastas reservas em moedas estrangeiras. Ajudou também a desenvolver o perfil da China como o país em desenvolvimento mais importante, muito à frente da Rússia, da Índia e da Indonésia e em condições de igualdade com o Brasil.

Pode-se concluir que a China está incorporada no sistema global de negócios, com dois terços de investimentos externos relacionados a atividades de apoio ao comércio. Os investimentos estrangeiros, são arrastados para a China devido a fatores como: grande mercado doméstico; baixos salários e investimentos em infra-estrutura.

Como tudo indica que os preferidos investimentos pelas multinacionais estrangeiras serão em pesquisa e desenvolvimento (P&D), a China tem sido receptora de tecnologias de telecomunicações. Corporações como a Intel, a Motorola, a General Electric e Microsoft estabeleceram pequenos laboratórios de pesquisa nos anos 90 e ao longo dos anos, essas atividades de pesquisa se intensificaram. Só em Xangai, capital da China, mais de 40 multinacionais, incluindo a IBM, a Microsoft, a Alcatel e a Bayer estabeleceram centros de P&D regionais ou globais.

#### **4.2 Mercado chinês**

O mercado da China atualmente, consome 31% do carvão mineral, 30% do minério de ferro e 27% dos produtos siderúrgicos produzidos no planeta. O país consome sozinho 20% de todo o aço produzido no mundo. A China, que está em primeiro lugar no ranking dos países produtores de aço, é obrigada a importar minério de ferro, pois, para a fabricação de aço, o país precisa dessa matéria prima e a produção das minas chinesas contém apenas 30% do teor de ferro. É somente assim que as siderúrgicas conseguem manter a produção para atender ao país que tem um crescimento tão acelerado e garantir a incorporação do aço aos bens exportados.

Considerando o setor de agronegócio, apesar da China ser o 3º país mais extenso do mundo, possui apenas 11% de terras agricultáveis, o que é um indício de que vai ter que importar muito para atender a uma população de 1,3 bilhão de

habitantes. A China já é o maior importador no mundo de soja. Quanto ao minério de ferro, a China tem uma demanda insaciável pelo produto, o que o torna um dos produtos mais importados pelos chineses.

A lista de parceiros comerciais da China inclui mais de 200 países ao redor do mundo. Dentre eles, os principais parceiros comerciais em 2003, foram o Japão, Estados Unidos, União Européia, Coréia do Sul, Taiwan, Austrália, Hong Kong, Rússia, Índia, Canadá e Brasil. Contudo, os grandes investidores e parceiros comerciais do dragão, são ainda, justamente seus arquinimigos históricos: os EUA, com quem os chineses continuam em clima de Guerra Fria, o Japão, que durante a Segunda Guerra Mundial deu o melhor de si para escravizar a China e, até hoje, se recusa a assumir as responsabilidades pelos crimes de guerra ali cometidos, a Coréia do Sul, que durante a guerra de 1950-1953 quase foi riscado do mapa pelos chineses e Taiwan que é uma questão interna da China. Ela representa herança da guerra civil dos anos 40, ou seja, trata-se de um problema histórico.

O Comércio total da China em 2002, excedeu os US\$ 620 bilhões, o que representou um aumento de 22% em relação ao ano anterior. As exportações totalizaram US\$ 325,6 bilhões (um aumento de 22,4%) ao passo que as importações somaram US\$ 295,2 bilhões (um aumento de 21,2% em comparação com 2001). O superávit comercial em 2002 foi de US\$ 30,4 bilhões (US\$ 22,5 bilhões em 2001). Veja o quadro abaixo:

**Comércio Exterior da China em 2000-2002**  
(bilhões de dólares, importações CIF, Exportações FOB)

Ano	Import.	Variação %	Export.	Variação%	Saldo	Variação%
2000	225,1	35,8	249,2	27,8	24,1	- 17,5
2001	243,6	8,2	266,1	6,8	22,5	- 6,6
2002	295,2	21,2	325,6	22,4	30,4	35,1

*Fonte: Estatísticas Aduaneiras da China e Ministério do Comércio da República Popular da China*

Em 2002, o país para o qual a China mais exportou foi os Estados Unidos, com uma participação de US\$ 70.064 milhões comparadas a 2001, que foi de US\$ 54.359 milhões. Hong Kong teve a segunda maior participação em 2002, com US\$ 58.483 milhões em relação a 2001, que foi de US\$ 46.547 milhões. E em terceiro

lugar foi o Japão, da qual a China exportou US\$ 48.483 milhões em 2002 comparadas a 2001, com exportações no valor de US\$ 44.958 milhões. Analisando as estruturas dos bens exportados, em 2002, percebe-se que, os principais produtos se referem a máquinas, aparelhos e materiais elétricos. Veja o quadro abaixo:

**Exportações da China para os principais países no período de 2001-2003  
(milhões de dólares CIF)**

Áreas e países	2001	% no total	2002	% no total	2003(1)	% no total
EUA	54.359	20,4%	70.064	21,5%	20.937	24,2%
Hong Kong	46.547	17,5%	58.483	18,0%	14.401	16,6%
Japão	44.958	16,9%	48.483	14,9%	12.599	14,5%
Coréia	12.521	4,7%	15.508	4,8%	3.846	4,4%
Alemanha	9.754	3,7%	11.382	3,5%	3.107	3,6%
Países Baixos	7.282	2,7%	9.070	2,8%	2.449	2,8%
Reino Unido	6.780	2,5%	8.059	2,5%	2.007	2,3%
Cingapura	5.792	2,2%	6.969	2,1%	1.853	2,1%
Malásia	3.220	1,2%	4.975	1,5%	1.216	1,4%
Itália	3.993	1,5%	4.828	1,5%	1.336	1,5%
Austrália	3.570	1,3%	4.589	1,4%	1.394	1,6%
Canadá	3.346	1,3%	4.308	1,3%	1.076	1,2%
França	3.699	1,4%	4.088	1,3%	1.123	1,3%
Rússia	2.837	1,0%	3.522	1,1%	939	1,1%
Indonésia	2.837	1,1%	3.427	1,1%	858	1,0%
<b>Brasil</b>	<b>1.351</b>	<b>0,5%</b>	<b>1.466</b>	<b>0,5%</b>	<b>360</b>	<b>0,4%</b>
<b>SUBTOTAL</b>	<b>212.720</b>	<b>79,9%</b>	<b>259.218</b>	<b>79,6%</b>	<b>69.501</b>	<b>80,2%</b>
<b>DEMAIS PAÍSES</b>	<b>53.420</b>	<b>20,1%</b>	<b>66.493</b>	<b>20,4%</b>	<b>17.163</b>	<b>19,8%</b>
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>266.140</b>	<b>100%</b>	<b>325.711</b>	<b>100%</b>	<b>86.664</b>	<b>100%</b>

Fonte: FMI. Direction of Trade Statistics, Yearbook 2002 e Quarterly September 2003

Países listados em ordem decrescente, tendo como base valores apresentados em 2002 (1) Janeiro-Março.

No entanto, no que se refere às importações chinesas, o país do qual a China mais importou em 2002, foi o Japão, com US\$ 53.489 milhões, o equivalente a uma participação de 18,1%. Em segundo lugar, ficou a Coréia, com US\$ 28.581 milhões e com uma participação de 9,7%, em 2002. E em terceiro lugar, os Estados Unidos, com importações no total de US\$ 27.251 milhões, equivalente a uma participação de 9,2% nas importações chinesas. Analisando as estruturas dos bens importados, no ano de 2002, existem principalmente duas categorias: recursos e

matérias-primas, e equipamentos de tecnologia avançada. Tais produtos são essenciais para o alto crescimento da economia da China. Veja o quadro a seguir:

**Importações da China provenientes dos principais países no período de 2001-2003  
(milhões de dólares FOB)**

Áreas e países	2001	% no total	2002	% no total	2003 <sup>1</sup>	% no total
Japão	483	0,2%	53.489	18,1%	13.916	17,3%
República da Coreia	23.389	11,6%	28.581	9,7%	8.184	10,2%
EUA	26.220	13,1%	27.251	9,2%	7.450	9,3%
Alemanha	13.772	6,9%	16.434	5,6%	4.561	5,7%
Hong Kong	9.423	4,7%	10.788	3,7%	2.565	3,2%
Malásia	6.205	3,01%	9.295	3,1%	2.643	3,3%
Rússia	7.959	4,0%	8.405	2,8%	2.174	2,7%
Cingapura	5.143	2,6%	7.054	2,4%	2.252	2,8%
Austrália	5.426	2,7%	5.852	2,0%	1.586	2,0%
Tailândia	4.713	2,3%	5.599	1,9%	7.708	2,1%
Indonésia	3.888	1,9%	4.501	1,5%	1.130	1,4%
Itália	3.789	1,9%	4.320	1,5%	1.139	1,4%
França	4.106	2,0%	4.299	1,5%	1.120	1,4%
Canadá	4.028	2,0%	3.627	1,2%	929	1,2%
Arábia Saudita	2.272	1,4%	3.436	1,2%	1.079	1,3%
Reino Unido	3.527	1,8%	3.337	1,1%	679	0,8%
Filipinas	1.945	1,0%	3.217	1,1%	911	1,1%
<b>Brasil</b>	<b>2.347</b>	<b>1,2%</b>	<b>3.003</b>	<b>1,0%</b>	<b>743</b>	<b>0,9%</b>
Irã	2.424	1,2%	2.347	0,8%	832	1,0%
Índia	1.700	0,8%	2.274	0,8%	769	1,0%
Suécia	2.173	1,1%	2.041	0,7%	571	0,7%
Bélgica	1.721	0,9%	2.022	0,7%	570	0,7%
Taiwan	27.339	13,6%	n.d	n.d	n.d	n.d
<b>SUBTOTAL</b>	<b>164.441</b>	<b>81,9%</b>	<b>211.172</b>	<b>71,5%</b>	<b>57.511</b>	<b>71,7%</b>
<b>DEMAIS PAÍSES</b>	<b>79.124</b>	<b>18,1%</b>	<b>84.268</b>	<b>28,5%</b>	<b>22.702</b>	<b>28,3%</b>
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>243.565</b>	<b>100%</b>	<b>295.440</b>	<b>100%</b>	<b>80.213</b>	<b>100%</b>

Fonte: FMI. *Direction of Trade Statistics, Yearbook 2002 e Quarterly September 2003.*

Países listados em ordem decrescente, tendo como base valores apresentados em 2002. (1) Janeiro-Março.

(n.d.) Dados não disponíveis.

## Principais Produtos Exportados pela China no período de 2000-2002

COMPOSIÇÃO DO COMÉRCIO EXTERIOR EXPORTAÇÕES (US\$ milhões –FOB)	2000		2001		2002	
	VALOR	% total	VALOR	% total	VALOR	% total
	Máquinas, aparelhos e material elétricos	46.066	18,5	51.322	19,2	65.152
Caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos	26.816	10,8	33.626	12,6	50.851	15,6
Vestuário acessórios, exceto de malha	18.866	7,6	18.967	7,1	20.591	6,3
Vestuário e acessórios, de malha	13.426	5,4	13.465	5,0	15.988	4,9
Brinquedos, jogos e artigos para divertimento	9.196	3,7	9.084	3,4	11.606	3,6
Calçados, polainas e artefatos semelhantes	9.892	4,0	10.092	3,8	11.092	3,4
Móveis, mobiliário médico-cirúrgico, colchões	7.017	2,8	7.562	2,8	9.858	3,0
Combustíveis, óleos e ceras mineirais	7.830	3,1	8.506	3,2	8.359	2,6
Plástico e suas obras	6.390	2,6	6.699	2,5	8.040	2,5
Obras de couro, artigos de correio ou de seleiro	6.573	2,6	6.991	2,6	7.831	2,4
Instrumentos e aparelhos de ótica, foto, precisão, médicos	6.322	2,5	6.458	2,4	7.370	2,3
Obras de ferro fundido, ferro ou aço	5.480	2,2	6.029	2,3	7.268	2,2
Veículos automóveis, tratores, ciclos	4.536	1,8	4.773	1,8	5.787	1,8
Produtos químicos orgânicos	4.171	1,7	4.606	1,7	5.569	1,7
Algodão	3.730	1,5	3.662	1,4	4.895	1,5
Outros artefatos têxteis confeccionados	3.452	1,4	3.702	1,4	4.397	1,4
Produtos químicos inorgânicos	2.623	1,1	2.880	1,1	3.031	0,9
<b>Subtotal</b>	<b>182.386</b>	<b>73,2</b>	<b>198.424</b>	<b>74,4</b>	<b>247.685</b>	<b>76,1</b>
<b>Demais Produtos</b>	<b>66.854</b>	<b>26,8</b>	<b>65.237</b>	<b>25,6</b>	<b>77.957</b>	<b>23,9</b>
<b>Total Geral</b>	<b>249.240</b>	<b>100,0%</b>	<b>266.661</b>	<b>100,0%</b>	<b>325.642</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: World Trade Atlas.

Grupos de produtos listados em ordem decrescente, tendo como base os valores apresentados em 2002.

Divergências dos dados são explicadas pelo uso de diferentes fontes.

Elaboração: MRE/DPR/DIC – Divisão de Informação Comercial

Principais Produtos Importados pela China no período de 2000-2002

COMPOSIÇÃO DO COMÉRCIO EXTERIOR IMPORTAÇÕES (US\$ milhões -CIF)	2000		2001		2002	
	VALOR	% total	VALOR	% total	VALOR	% total
	Máquinas, aparelhos e material elétricos	50.749	22,5%	55.909	23,0%	73.311
Caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos	34.440	15,3%	40.559	16,7%	52.195	17,7%
Combustíveis, óleos e ceras minerais	20.652	9,2%	17.549	7,2%	19.327	6,5%
Plásticos e suas obras	14.458	6,4%	15.269	6,3%	17.380	5,9%
Instrumentos e aparelhos de ótica, foto, precisão, médicos	7.282	3,25%	9.778	4,0%	13.478	4,6%
Ferro fundido, ferro e aço	9.570	4,3%	10.949	4,5%	13.240	4,5%
Produtos químicos orgânicos	8.327	3,7%	8.977	3,7%	11.158	3,8%
Veículos automóveis, tratores, ciclos	3.612	1,6%	4.534	1,9%	6.479	2,2%
Cobre e suas obras	4.660	2,1%	4.887	2,0%	5.669	1,9%
Minérios, escórias e cinzas	3.134	1,4%	4.178	1,7%	4.279	1,4%
Madeira, carvão vegetal e obras de madeira	3.716	1,7%	3.467	1,4%	4.139	1,4%
Papel e cartão, obras de pasta celulósica	3.964	1,8%	3.650	1,5%	4.138	1,4%
Aeronaves e outros veículos aéreos ou espaciais	2.171	1,0%	4.431	1,8%	4.057	1,4%
Produtos diversos das indústrias químicas	2.533	1,1%	2.590	1,1%	3.783	1,3%
Filamentos sintéticos ou artificiais	3.642	1,6%	3.330	1,4%	3.332	1,1%
Algodão	2.789	1,2%	2.941	1,2%	3.328	1,1%
<b>Subtotal</b>	<b>175.699</b>	<b>78,1%</b>	<b>192.992</b>	<b>79,2%</b>	<b>239.290</b>	<b>81,0%</b>
<b>Demais Produtos</b>	<b>49.396</b>	<b>21,9%</b>	<b>50.575</b>	<b>20,8%</b>	<b>56.013</b>	<b>19,0%</b>
<b>Total Geral</b>	<b>225.095</b>	<b>100,0%</b>	<b>243.567</b>	<b>100,0%</b>	<b>295.303</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: World Trade Atlas.

Grupos de produtos listados em ordem decrescente, tendo como base os valores apresentados em 2002.

Divergências dos dados são explicadas pelo uso de diferentes fontes.

Elaboração: MRE/DPR/DIC – Divisão de Informação Comercial

Vale lembrar que no período de 1992-2002, as exportações chinesas para o mundo, cresceram em média 14% ao ano<sup>15</sup>.

Entre 1980 e 2003, a economia da China deu um salto. Seu PIB, subiu de 240 bilhões para 1,5 trilhões de dólares e o seu comércio externo passou de 40 para 800 bilhões de dólares, já no final de 2003<sup>16</sup>. A economia da China é a de maior eficiência dinâmica do mundo. Ela tem capacidade de sustentar altas taxas de crescimento no longo prazo. Tudo isso combina com as altas taxas de investimentos, aumento do crescimento do emprego e da produtividade. Mas, a China possui pontos que precisam de maior cuidados como a desigualdade de renda, a crescente importância da demanda externa vista pelas exportações, a dependência em relação ao mercado norte-americano, que absorve cerca da metade das exportações chinesas, crescimento populacional aumentando o desemprego e a desigualdade social, necessitando portanto, de políticas fiscais mais prudentes e a questão Taiwan.

Depois do término da Segunda Guerra Mundial o comunicado de Potsdam firmado pelos principais países vitoriosos estipulava que Taiwan, que havia sido ocupada pelo Japão desde o início do século passado, seria devolvida à China. Então, em 1971, quando a República Popular da China voltou a ser membro pleno da Organização das Nações Unidas (ONU), ficou decidida que Taiwan era parte inseparável da China. A palavra Taiwan, significa na China histórias de agressão por parte de potências imperialistas e histórias de humilhação. Por isso, o problema Taiwan é um tema de dignidade nacional e integridade territorial para a China. Considerando a atualidade e interesses de Taiwan e de toda a China, o governo da República Popular da China (RPC), quer resolver o problema de Taiwan pela “reunificação pacífica e um país, dois sistemas”. Mas as autoridades atuais de Taiwan evitam reconhecer o princípio de “uma China”, enquanto tentam criar no contexto internacional a idéia de “duas Chinas”, uma Taiwan e uma China, com o pretexto de ampliar o espaço internacional de relações , com o objetivo de dividir o

---

<sup>15</sup>FURLAN, Luís Fernando. Relações Brasil- China: Uma nova dimensão. **Revista Parceria: Brasil-China**, São Paulo, ano II – número especial , p.21, Maio. 2004.

<sup>16</sup> Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio:  
<http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/inicial/index.php>.

país. Porém, o governo Chinês não aceita essas ações e esse é o maior problema da China com relação a Taiwan.

#### **4.3 População e renda *per capita***

Com uma população de 1,3 bilhões de habitantes, sabe-se que cerca de 7% da população chinesa vive em zona rural e não sonha nem em consumir ou adquirir o que existe nas cidades. A desigualdade social é crescente, num país que possui renda *per capita* superior a 1000 dólares e onde os habitantes do campo têm renda média de 300 dólares ao ano. A população urbana ganha em média três vezes mais do que a rural. O índice de desenvolvimento humano de 2003, que calcula a qualidade de vida da população de um país baseado em dados de saúde, educação e renda, classifica o país como 104º colocado no mundo, com 0,721.<sup>17</sup>

Sabe-se que em 1972, foram tomadas medidas para limitar o tamanho das famílias. No entanto, a política de um filho por família só foi realmente implementada em 1978-1979.

Em 1978, a China era um país desesperadamente pobre. A renda *per capita* era de 7% da renda dos Estados Unidos, 60% da população vivia com menos de US\$ 1 por dia, e o comércio internacional registrava apenas 10% do Produto Interno Bruto (PIB), o menor percentual dos 120 países em desenvolvimento<sup>18</sup>.

Em 1994, em decorrência da abertura econômica e a conseqüente melhoria de vida do povo, o mundo doméstico apresentou um crescimento real de 7.8%<sup>19</sup>. No setor de educação, assim como no setor de saúde e alimentação, foram obtidos resultados excelentes. Mais de 130 milhões de crianças em idade escolar foram matriculadas. Os estudantes de nível universitário totalizaram 2,3 milhões, aumentando 26% sobre o índice anterior. Em fins de 1994, existiam 151 milhões de trabalhadores urbanos, com a taxa de desemprego caindo para apenas 2,5%. No setor agrícola estavam registrados cerca de 120 milhões de trabalhadores. Os

---

<sup>17</sup>SILVA, Vagner Augusto da. China: Um Gigante cheio de contrastes. **Revista Discutindo a Geografia**, São Paulo, v. 1, n 1, p. 40-43, julho. 2004.

<sup>18</sup> JONATHAN, Story. "A China no Século XXI: In: **China: A Corrida para o Mercado**. São Paulo: Ed. Futura, 2004.

<sup>19</sup> JONATHAN, Story. op Cit. Pág 409:

salários de modo geral aumentaram acentuadamente à taxa de 35%. Os investimentos estrangeiros que com as exportações representam um suporte básico da economia do país – chegaram a US\$ 45,8 bilhões, levando-se o total registrado a mais de US\$ 150 bilhões.

Em 2001, 900 milhões de pessoas viviam no campo, freqüentemente em condições *malthusianas*<sup>20</sup> de crescimento da população, limitação de terras aráveis e redução de renda. A população economicamente ativa chegava a 560 milhões de habitantes, a taxa de desemprego limitava-se a 2,3% e o índice de criminalidade, um dos mais baixos do mundo era de apenas 1,7%<sup>21</sup>. Quase todas as crianças em idade escolar já estudavam e o índice de analfabetismo reduziu-se a 15%, devendo estar liquidado até o fim do século. Até 2003, 500 milhões de pessoas ainda eram pobres, 500 milhões atingiam o nível de classe média e 250 milhões já apresentavam poder aquisitivo de classe média alta.

Ao analisar portanto, o comportamento da economia, vê-se que o povo da China decidiu firmemente “manter a conjuntura, ampliar a abertura, impulsionar o desenvolvimento e assegurar a estabilidade”.

---

<sup>20</sup> Malthus preocupava-se basicamente com o problema do crescimento populacional e a produção de alimentos. Os Malthusianos estabeleceram limites ao desenvolvimento humano: o esgotamento dos recursos naturais impedem que toda população alcance a felicidade, é preciso haver um equilíbrio entre o crescimento da população e a produção dos recursos de subsistência.

<sup>21</sup> OLIVEIRA, Carlos Tavares de. “Reforma Agrária”. In : **Estados Unidos e China: O Desafio Econômico**. São Paulo: Ed. Aduaneiras, 2001. 2ª edição.

## CAPÍTULO 5 – AS RELAÇÕES COMERCIAIS ENTRE O BRASIL E A CHINA

O Brasil e a China vêm construindo um relacionamento sólido e consistente. O Brasil, maior país da América do Sul e o quinto maior do mundo depois da Rússia, Canadá, China e Estados Unidos, possui uma área de 8.547km<sup>2</sup> e busca estreitar os laços de amizade e de cooperação com os países dos quatro cantos do mundo e dessa forma melhorar cada vez mais a posição da nação no cenário econômico global.

O estabelecimento das relações diplomáticas sino-brasileiras, deu-se em 15 de agosto de 1974<sup>22</sup>. Iniciava portanto, uma importante fase da política externa brasileira. E assim, tanto a China quanto o Brasil buscavam promover um contínuo desenvolvimento de cooperação econômico-comercial e científico-tecnológico objetivando aumentar o poderio dos dois maiores países em desenvolvimento além de uma ordem política e econômica mais justa e estável.

Foram lançados, os alicerces de um relacionamento bilateral. E como a normalização das relações era de grande importância para ambas as partes, as diferenças políticas e ideológicas de então foram sendo superadas, dando lugar a grandes oportunidades no âmbito do comércio entre o Brasil e a China que caminhava em direção a uma chamada "Parceria Estratégica".

Em 1978, foi assinado o acordo do comércio bilateral entre Brasil e China. O fornecimento de minério de ferro brasileiro e a compra de petróleo Chinês constituíram o sustentáculo das trocas sino-brasileiras. Foi somente a partir da década de 1990 que houve uma maior interação entre os dois países. Começou-se de fato a enxergar o relacionamento sino-brasileiro como uma "Parceria Estratégica",

---

<sup>22</sup> Ministério das Relações Exteriores. "Economia, Moedas e Finanças" IN: **Como Exportar**. Brasília: MRE, 2004

visto que havia grandes afinidades e complementaridades entre "o maior país em desenvolvimento do hemisfério oriental e o maior país em desenvolvimento do hemisfério ocidental".

Segundo estatísticas da Alfândega Chinesa, "o volume do comércio bilateral em 1974, quando se estabeleceram as relações diplomáticas, foi de US\$ 17,42 milhões. No último ano da década de 70, ele já subira 12 vezes, passando para US\$ 216 milhões. Na década de 80, o valor atingiu US\$ 755 milhões anuais. Na década de 90, US\$ 1,494 bilhão. E no primeiro ano do século XXI, em 2001, chegou a US\$ 3,698 bilhões, ou 211 vezes mais que em 1974. Em 2003, o valor global do comércio bilateral sino-brasileiro saltou para US\$ 6,6 bilhões, ultrapassando pela primeira vez a marca dos US\$ 6 bilhões na história das relações comerciais dos dois países"<sup>23</sup>.

No último dia 25 de agosto de 2004, Brasil e China comemoraram trinta anos do reatamento das relações diplomáticas. Após a entrada da China na Organização Mundial do Comércio (OMC), em dezembro de 2001, o comércio bilateral entre os dois países, cresceu 107%.<sup>24</sup>A integração da China na OMC e como parte disso, as concessões obtidas da China no acordo estabelecido, a dimensão do mercado e o crescimento da economia chinesa nos últimos anos, são fatores determinantes que levam a notar que a China é um dos mercados de maior prioridade e de maior potencial estratégico. O país investiu internamente na produção de bens de consumo de massa e externamente na importação e exportação de produtos de alta tecnologia. Com isso, lançou as bases para a formação de um cobiçado mercado interno e uma valiosa pauta de exportações e ainda investiu dinheiro na construção de portos, aeroportos, estradas e usinas, sem esquecer que a maior parte dos recursos para toda essa transformação veio dos próprios chineses e não de empréstimos externos.

O acordo que estabeleceu as relações diplomáticas entre Brasil e China já era naquela época de extrema importância na visão estratégica dos dois países.

---

<sup>23</sup> YUANDE, Jiang. De mãos dadas para criar um futuro brilhante. **Revista Parceria: Brasil- China**. São Paulo, n.2, p. 14, maio. 2004.

<sup>24</sup> FURLAN, Luís Fernando. Relações Brasil- China: Uma nova dimensão. **Revista Parceria: Brasil- China**. São Paulo, n. 2, p. 21, maio.2004.

Antes dele, houve dois outros acordos bilaterais entre Brasil e China. Em 1909 havia sido firmada uma convenção de arbitramento, seguida em 1943 por um tratado de amizade. Após o estabelecimento das relações diplomáticas, em 1974, houve, em 1984, o acordo de cooperação para usos pacíficos de Energia Nuclear e em 1988, o Acordo de Cooperação para o Satélite de Recursos Terrestres. No ano de 1993, havia sido firmado o Protocolo de Cooperação em Aplicações Pacíficas de Ciência e Tecnologia de Espaço, e em 2000, o Protocolo de cooperação em Tecnologia Espacial. Depois, em 2002, houve o memorando de entendimentos sobre Cooperação Industrial. Estes foram os principais acordos bilaterais firmados entre o Brasil e China.

Hoje, a China se transformou no terceiro maior parceiro comercial do Brasil em termos globais e o principal parceiro do continente asiático. O Brasil já é um grande exportador de produtos primários como soja e minério de ferro e tem registrado um grande crescimento na venda de produtos de maior valor agregado como automóveis, aviões e peças de reposição da China.

Segundo dados da Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (FUNCEX), as exportações brasileiras para a China somaram US\$ 4,5 bilhões em 2003, um valor 6,7 vezes maior do que o registrado apenas quatro anos antes. No mesmo período, as importações brasileiras provenientes da China cresceram 2,5 vezes alcançando US\$ 2,15 bilhões. O país saiu de um déficit de US\$ 189 milhões, em 1999, para um superávit de quase US\$ 2,4 bilhões em 2003 - o que representou um saldo total obtido pelo Brasil<sup>25</sup>.

De acordo com o quadro da Funcex, logo abaixo, percebe-se que o valor das exportações referente ao Intercâmbio Comercial Brasil-China em janeiro de 2004, somou US\$ 359.986 milhões. Em janeiro e fevereiro deste mesmo ano, o montante das vendas já tinham atingido US\$ 635 milhões, um incremento de 62% em relação ao mesmo período do ano passado, quando foram de US\$ 396 milhões<sup>26</sup>. Boa parte do desempenho favorável das exportações para a China, em

---

<sup>25</sup> RIBEIRO, Fernando; POURCHET, Henry. O perfil do comércio Brasil- China. **Revista Brasileira de Comércio Exterior**, São Paulo, n. 79, Ano XVIII, p. 13- 33, abril/ junho. 2004.

<sup>26</sup> BOHONE, Flávia. Espetáculo de Crescimento. **Revista Parceria: Brasil-China**, São Paulo, n.2, p. 34- 36, maio. 2004.

comparação com as do resto do mundo deve-se ao fato de que suas importações originadas da China cresceram muito mais rápido do que as importações mundiais.

<b>INTERCÂMBIO COMERCIAL BRASIL-CHINA (*) (US\$ mil, fob)</b>	<b>2003 (2) (janeiro)</b>	<b>2004 (Janeiro)</b>
<b>Exportações</b>	<b>196.142</b>	<b>359.986</b>
Variação em relação ao mesmo período do ano anterior	103,7%	83,5%
Part. (%) no total das exportações brasileiras para a Ásia (3)	29,4 %	39,0%
Part. (%) no total das exportações brasileiras	4,1%	6,2%
<b>Importações</b>	<b>138.652</b>	<b>221.246</b>
Variação em relação ao mesmo período do ano anterior	53,2%	59,6%
Part. (%) no total das importações brasileiras para a Ásia (3)	21,9%	27,8%
Part. (%) no total das importações brasileiras	3,8%	5,3%
<b>Intercâmbio Comercial</b>	<b>334.794</b>	<b>581.232</b>
Variação em relação ao mesmo período do ano anterior	79,3%	73,6%
Part. (%) no total do intercâmbio Brasil-Ásia (3)	25,7%	33,8%
Part. (%) no total do intercâmbio brasileiro	4,0%	5,8%
<b>Balança Comercial</b>	<b>57.490</b>	<b>138.740</b>

Fonte: MDIC/SECEX Sistema ALICE.

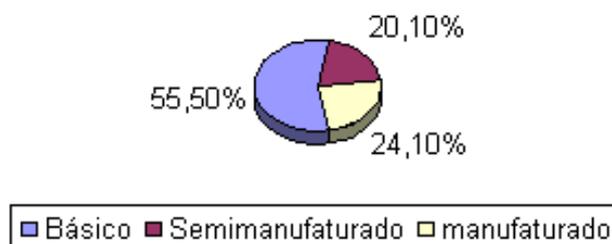
(\*) as discrepâncias observadas nos dados estatísticos das exportações brasileiras e das importações do país e vice-versa podem ser explicadas pelo uso de fontes distintas e também por diferentes metodologias de apuração.

(2) Dados preliminares

(3) Ásia, exclusive Oriente Médio

As exportações brasileiras para a China são mais concentradas em produtos básicos, que corresponde por 22,2% das exportações no período de 2001-2003. Logo depois vêm os produtos simimanufaturados que também têm um peso elevado no comércio com a China, com 20,1%. Já os produtos manufaturados, que são responsáveis pela maior parte das exportações do Brasil, representam apenas 24,1% das vendas para a China. Veja o quadro abaixo:

Participação das classes de produtos nas exportações do Brasil para a China - média 2001-2003 (em%).



Fonte: Funcex, com base em dados da Secex /MIDC

Entre os principais produtos que o Brasil exportou para a China em 2003, vê-se que 47,5% das vendas referem-se a apenas dois setores, agropecuária e extrativa mineral sendo que, em cada um deles, mais de 90% referem-se apenas a soja (US\$ 1,313 milhões) no primeiro e minério de ferro (US\$ 765 milhões) no segundo.

Pode-se perceber também que a maior parte de exportações do Brasil para a China refere-se a oito setores produtivos e a 16 produtos. Logo, depois da soja e do minério de ferro, temos os laminados planos, semi-manufaturados de ferro/aço, partes e peças para veículos, motores para veículos automóveis, pasta química de madeira, óleo de soja em bruto, madeira serrada ou fundida e couros e peles depilados. Estes são os principais produtos exportados para a China que, sozinhos, representam o grosso de nosso comércio com a crescente potência asiática. Veja que o quadro seguinte mostra em detalhes a concentração das exportações e as possibilidades de expansão.

**Exportações Brasileiras para a China segundo setores e produtos selecionados  
(em US\$ milhões e em %)**

Descrição	2003 US\$ milhões	Var. % a.a. 1999-2003	Participação na pauta em 2003	Participação na exportação brasileira do setor/produto em 2003 em%
Agropecuária	1.322	85,6	29,2	24,0
Soja	1.313	85,3	29,0	30,6
Extrativa Mineral	831	34,6	18,3	19,0
Minérios de ferro	765	33,4	16,9	22,1
Siderurgia	756	130,9	16,7	15,7
Laminados planos	460	159,5	10,1	32,6
Semimanufaturados de ferro ou aço	258	149,7	5,7	16,0
Peças e outros veículos	324	184,0	7,2	5,2
Partes e peças para veículos	164	182,0	3,6	11,0
Motores para veículos automóveis	125	234,3	2,8	7,5
Celulose, papel e Gráfica	312	51,0	6,9	10,9
Pasta químicas de madeira	266	49,9	5,9	15,2
Óleos vegetais	272	44,7	6,0	7,0
Óleo de soja em bruto	256	54,2	5,7	24,6
Madeira e mobiliário	123	90,3	2,7	4,5
Madeira serrada ou fendida	111	94,1	2,5	17,2
Calçados, couros e peles	117	52,8	2,6	4,2
Couros e peles depilados	116	52,6	2,6	11,0
<b>Total 8 setores</b>	<b>4.058</b>	<b>64,9</b>	<b>89,5</b>	<b>12,2</b>

<b>Demais 23 setores</b>	<b>475</b>	<b>39,0</b>	<b>10,5</b>	<b>1,2</b>
<b>Total Geral</b>	<b>4.533</b>	<b>60,9</b>	<b>100,0</b>	<b>6,2</b>

Fonte: Funcex, com base em dados da Secex/MIDC

Percebe-se, desta maneira, o enorme potencial que o Brasil tem no sentido de ampliar sua parceria com a China, nesse momento em que o aumento das exportações é tão importante para a economia brasileira e que o outro lado se mostra tão escasso de nossos produtos. A necessidade que a China tem de produtos dos mais variados tipos, diante dessa inédita fase de explosão de desenvolvimento e crescimento, pode ser suprida por uma participação brasileira bem maior do que a que temos tido.

As importações brasileiras da China vêm apresentando um forte crescimento. De acordo com a tabela a seguir, 90% das importações em 2003, relacionavam-se a produtos de 12 setores. Os dois principais, equipamentos eletrônicos e siderurgia, respondiam por 40% das importações. A taxa de crescimento das importações entre 1999-2003 foi de 107,8% , com destaque especial para o petróleo e carvão, siderurgia, peças e outros veículos, têxtil e equipamentos eletrônicos. A taxa de crescimento nesse período foi bem superior a do total em 2003, que foi de 100%. Veja o quadro:

**Importações Brasileiras provenientes da China segundo setores selecionados  
(em US\$ milhões e em %)**

Descrição	2003 US\$ milhões	Var. % a.a. 1999-2003	Participação na pauta em 2003	Participação na exportação brasileira do setor/produto em 2003 em%
Elementos eletrônicos	631	205,9	29,4	12,1
Siderurgia	226	453,1	10,5	28,7
Elementos químicos	197	141,2	9,2	7,2
Indústria diversas	194	45,2	9,0	8,7
Material elétrico	187	103,0	8,7	7,4
Têxtil	113	257,1	5,3	18,6
Petróleo e carvão	91	2.554,0	4,2	2,0
Máquinas e tratores	78	35,1	3,6	1,6
Peças e outros veículos	62	349,2	2,9	1,4
Farmacêuticas e perfumaria	58	59,0	2,7	2,7
Calçados, couros e peles	58	71,2	2,7	25,6
Outros produtos metalúrgicos	41	78,0	1,9	4,0
<b>Total 12 setores</b>	<b>1.934,5</b>	<b>164,6</b>	<b>90,1</b>	<b>6,2</b>
<b>Demais 19 setores</b>	<b>213,1</b>	<b>59,3</b>	<b>9,9</b>	<b>1,2</b>
<b>Total Geral</b>	<b>2.147,6</b>	<b>107,8</b>	<b>100,0</b>	<b>4,5</b>

Fonte: Funcex, com base em dados da Secex/ MDIC

Em janeiro e fevereiro deste ano, o Brasil comprou US\$ 419 milhões da China, sendo que, US\$ 221.246 foram somente em Janeiro, e no mesmo período do ano passado, as importações somaram US\$ 262 milhões<sup>27</sup>. As relações comerciais com a China, encerraram o ano de 2003 com um superávit do Brasil de US\$ 2,384 bilhões, contra US\$ 966,444 milhões em 2002<sup>28</sup>.

### 5.1 Futuro do comércio bilateral Brasil X China

Com o aumento crescente do comércio bilateral entre o Brasil e China, a China poderá passar a ocupar nos próximos anos o lugar da Argentina, ficando entre os principais compradores dos produtos brasileiros. Apesar dos argentinos apresentarem facilidades para o intercâmbio comercial e estarem em processo de recuperação econômica, comparado aos chineses, formam um país pequeno e pouco populoso. No entanto, o Brasil deve aproveitar a sua diversidade de produtos para ampliar os negócios com a China, pois os produtos brasileiros ainda representam só 1% do total importado pelo país asiático. Um outro fator é que, com o progressivo aumento das importações, há também um grande interesse de que empresas chinesas entrem no mercado brasileiro, por meio de "*Joint Ventures*". Assim desenvolvendo fornecedores locais para os produtos que o Brasil mais importa, haverá uma redução nos custos de importação e um aumento ainda maior do intercâmbio de negócios com a China.

O Brasil, em 2002, foi o principal exportador de soja para a China, ultrapassando os Estados Unidos como fornecedor. O país oferece um bom produto com poucos cultivos transgênicos e produtividade superior à Norte Americana (que é altamente subsidiada). Nessa competição, estamos à frente devido a excelência de solos, apesar de problemas na área de logística (portos e transportes).

Hoje, a China é o terceiro principal destino das exportações de produtos do agronegócio brasileiro. As vendas saltaram de US\$ 320 milhões, em 1999, quando o Brasil estava em 13º lugar entre os países fornecedores de alimentos ao

---

<sup>27</sup> SANTOS, Beth. Mão Dupla. *Revista Parceria:Brasil- China*. São Paulo, n.2, p. 40- 41, maio. 2004.

<sup>28</sup>BOHONE, Flávia, op. Cit. Pág. 34.

mercado chinês, para US\$ 1,313 milhão em 2003. As exportações brasileiras para o mercado chinês, referentes ao complexo soja, responderam por 30,6% em 2003. Atualmente, as exportações do agronegócio, representam 49,8% do total das vendas brasileiras para a China<sup>29</sup>.

Devido ao crescimento acelerado da economia chinesa, a demanda por alimentos tornam-se cada vez maior. Mas esse aumento de consumo tem enfrentando restrições porque a China possui pouca terra agricultável e escassez de recursos hídricos. Portanto, para atender, a forte demanda da população de 1,3 bilhões, serão necessárias importações, abrindo então, espaços para economias competitivas no agronegócio, especialmente para o Brasil. As importações de soja podem aumentar nos próximos anos e o principal beneficiário da demanda crescente de soja na China, poderá ser o Brasil.

O Brasil enfrenta ainda fortes restrições de acesso na China como fornecedor de *commodities* agrícolas. Embora a China tenha assumido compromisso de abertura do seu mercado desde a sua entrada na Organização Mundial do Comércio (OMC), em dezembro de 2001, ainda permanecem muitas barreiras tarifárias e não tarifárias. A estas barreiras, pode-se citar como exemplos, o café não torrado (20%), o açúcar (30%), o suco de laranja congelado (35%), e o fumo (40%).

Quanto às exportações de carne bovina e frango, o comércio ainda possui dificuldades, devido às barreiras sanitárias, as quais não são justificadas se comparadas ao Acordo de Medidas Sanitárias e Fitossanitárias da Organização Mundial do Comércio. Apesar de todos os empecilhos, o Brasil assumiu a condição de maior exportador de carne bovina em 2003, o que provou a sanidade e qualidade da carne brasileira.

Dado o grande nível de reservas internacionais que existem hoje na China, cerca de US\$ 420 bilhões, um grande passo para o Brasil será o de explorar o grande potencial existente para investimentos chineses no país. Hoje, o nível de investimentos chineses no Brasil ainda é pequeno. As empresas investiram,

---

<sup>29</sup> SALVO, Antônio Ernesto de. Perspectivas do agronegócio brasileiro na China. **Revista Parceria: Brasil- China**. São Paulo, n.2, p. 48, 2004.

principalmente, em eletrodomésticos, telecomunicações, processamento de madeira, transportes e minerais.

As empresas brasileiras também querem aproveitar o tempo e o bom momento de aproximação com a China para aumentar o comércio entre os dois países, através dos investimentos diretos externos no país. Os investimentos na China podem ajudar o Brasil a conquistar novos espaços no mercado Internacional, e tornar seus produtos mais competitivos. A importância comercial da China no contexto mundial, pelo tamanho de seu mercado e pelo extraordinário ritmo de seu crescimento tem mostrado que alguns setores de sua economia são caracterizados por excelência tecnológica, produtividade e muita competitividade.

Além do agronegócio, que é hoje o maior do Brasil, as empresas brasileiras de papel e celulose vêm apresentando um desempenho cada vez melhor no mercado externo. As exportações de celulose para a China em 2003 somam US\$ 259 milhões, e as de papel US\$ 47 milhões<sup>30</sup>. Em 2003, o Brasil ficou em 7º lugar no *Ranking* mundial na produção de celulose e em 11º lugar na produção de papel.

Hoje, 60% das compras chinesas junto às empresas brasileiras envolvem basicamente quatro produtos: grãos, minérios de ferro, produtos siderúrgicos e celulose. Em 2003, a Ásia foi o principal destino das vendas externas de aço bruto e aço laminado. O Setor de Petróleo no Brasil é também uma das mais vigorosas vertentes da economia. Em 2003, a Petrobrás (Petróleo Brasileiro S.A), a maior empresa brasileira, líder do mercado de energia na América Latina, passou a integrar o seleto grupo de empresas que produzem mais de 2 milhões de barris de petróleo por dia. A empresa formalizou acordos de cooperação com a petrolífera Local Sinopec – empresa chinesa. O objetivo das empresas é desenvolver negócios em conjunto, como a exploração e a produção de petróleo, refino e petroquímica. Para a China, país em que o consumo vem crescendo em níveis superiores ao da produção interna, o grande interesse é a formação de parceria com a estatal brasileira, objetivando aumentar as exportações de petróleo para o país. Os chineses têm claros interesses em refinar o nosso petróleo como também em se

---

<sup>30</sup> GRAÇA, Antônio. Oportunidades no Front. **Revista Parceria Brasil-China**, São Paulo, n. 2, p.52-57, maio. 2004.

tornar parceiros na busca de novas reservas ao redor do mundo. Em 2003, US\$ 5 milhões de barris foram exportados para a China.

No campo da construção civil, o Brasil tem grande inserção no comércio internacional. As empresas brasileiras estão se instalando no competitivo e dinâmico mercado chinês de engenharia e construção. O Brasil acumula enorme experiência no campo de construção pesada, principalmente na área de barragens e hidrelétrica. A construtora Mendes Júnior, por exemplo, já vem participando de grandes obras no sul da China. Em 1994, em associação com a Jiagnan Water Resources and Hydropower Construction Corporation, executou o projeto hidrelétrico da barragem de Tianshergqião-1. A obra foi concluída em 2001 e envolveu um investimento de US\$ 600 milhões<sup>31</sup>. A China também está investindo pesadamente na construção de Usinas, como a Usina Hidrelétrica de Três Gargantas, que será a maior do mundo e terá um investimento na ordem de US\$ 27 bilhões. A construtora Mendes Junior, é o centro de competência mundial em tecnologia de componentes hidrelétricos e rotores de turbinas. É ela que está fornecendo parte dos geradores e turbinas para “Três Gargantas”.

O setor automotivo tem sido um dos mais consolidados da economia brasileira, tendo uma importância expressiva na sua pauta de exportação. Hoje, mais de 100 países, compram os carros produzidos no Brasil. Nesse contexto de expansão, a China — o mercado de consumo de maior crescimento do planeta — desponta como um grande parceiro do Brasil. As vendas de veículos, máquinas agrícolas, rodoviárias e autopeças, que somavam apenas, US\$ 24,6 milhões em 2000, atingiu, em 2003, um crescimento recorde, chegando a US\$ 400 milhões.<sup>32</sup> Para operar no mercado chinês, as montadoras brasileiras estabeleceram “*Joint Ventures*”, encomendando a produção de autopeças a indústrias locais, num sistema conhecido como CKD (*Completely Knocked Down*). A “General Motors” do Brasil (GMB) já possui cinco “*Joint Ventures*” na China, sendo três de automóveis, uma de transmissão, e uma de motores. Por meio delas são exportados desde 2001 veículos pelo sistema CKD e que são montados em fábricas locais, como o Corsa sedã e o Corsa wagon. O contrato envolve mais de US\$ 1 bilhão no período de dez

---

<sup>31</sup> GRAÇA, Antônio, op. Cit. Pág. 55.

anos. A Volkswagen (VW) do Brasil é outra empresa que fechou contrato com a China em dezembro de 2002, no valor de US\$ 500 milhões. A Shanghai Volkswagen, a “*Joint Venture*” firmada entre o grupo VW e o governo chinês, produzem os modelos Passat Polo, Santana, Bora, Audi A6, e exportam CKD's da Gol.

Segundo os dados do Ministério de Desenvolvimento, o comércio entre o Brasil e a China no ano passado, teve uma movimentação de US\$ 638 bilhões. Nessa parceria as empresas brasileiras estão tendo a necessidade de entrar no mercado chinês para facilitar e estruturar o trabalho de outros empresários que exportam para o maior mercado consumidor do planeta. Pode-se, contudo, falar de grandes companhias nacionais que entraram no território chinês, e que hoje, são consideradas como grandes investimentos diretos estrangeiros (IDE's), ou seja, empresas que investem na conta, direto com o mercado chinês.

A Embraco, produtora de compressores para refrigeração, foi pioneira e entrou no mercado chinês em 1995, associando-se a Snowflake, e formou a Beijing Embraco Snowflake Compressores Company, que atua no setor de eletrodomésticos. Hoje, a empresa tem capacidade produtiva de 2,2 milhões de compressores por ano e a demanda de compressores na China é maior que a oferta. Em 2003, a unidade chinesa ajudou a Embraco atingir um volume de vendas superior a 20% ao do ano anterior.

A Embraer, ingressou no mercado chinês de aviação regional por meio da “*Joint Venture*”, “Harbin Embraer Aircraft Industry Company Ltd (HEAI)”, uma associação com a empresa aeroespacial chinesa AVIC 2. O acordo entre a Embraer e a AVIC 2, foi o primeiro grande investimento brasileiro com o conteúdo tecnológico no mercado chinês. É um empreendimento que poderá propiciar novas oportunidades para as exportações brasileiras de produto de alto valor agregado. Depois de a Embraer apresentar ao mercado chinês sua primeira aeronave comercial produzida na China, em dezembro de 2003, a empresa recebeu uma encomenda da China para a fabricação de aeronaves ERJ-145. Esse investimento,

---

<sup>32</sup> DOMINGUES, Juliana. Em alta velocidade. **Revista Brasil e China: A parceria de dois gigantes**. São Paulo, p. 60-63, junho. 2004.

foi estimado em US\$ 120 milhões. Essa cooperação entre a empresa chinesa AVIC 2 e a empresa brasileira foi uma decisão estratégica para viabilizar a venda de aviões da Embraer no mercado chinês sem o ônus da importação, dando benefícios mútuos para ambas as partes.

O Brasil assinou com a China acordos de cooperação entre empresas chinesas e a Companhia Vale do Rio Doce (CVRD). O Brasil, segundo maior produtor de minério de ferro do mundo, está se transformando em parceiro estratégico da China. Embora em 2003, a China tenha alcançado US\$ 220 milhões de toneladas, uma das maiores em termos globais, a oferta ainda é insuficiente para atender a um crescimento anual de 9%.

A empresa brasileira Vale do Rio Doce (CVRD) fechou um contrato de grande porte em Xangai, para facilitar o comércio com o continente asiático. A Vale mantém comércio com a China, desde a década de 70 e exporta para a China desde 1978. A CVRD é a maior produtora de manganês, ferro-liga, bauxita, alumina, alumínio, potássio e Caulim. Um grande resultado da aproximação do Brasil com a China, é o investimento de US\$ 2 bilhões, em uma "*Joint Venture*" entre a mineradora brasileira, Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) e a Shanghai Baosteel Group Corporation, maior siderúrgica chinesa, para a construção de um pólo siderúrgico no maranhão, para a produção de US\$ 3,8 milhões de toneladas de placas de aço. A unidade industrial processará somente o minério do sistema carajás, uma das maiores reservas do mundo. As duas empresas são respectivamente donas de um faturamento anual de US\$ 5 bilhões e de US\$ 4,1 bilhões<sup>33</sup>. Parte desse investimento de US\$ 2 bilhões, ainda será usado para construir no Brasil, o maior navio do planeta, capaz de transportar 540 mil toneladas de minério de ferro. O Cargueiro - Jumbo, será usado exclusivamente para transportar o produto para a China.

Outro grande acordo firmado pela CVRD, foi com a *Aluminium Corporation of China* (CHALCO), maior empresa na área de bauxita, alumina e alumínio. O

---

<sup>33</sup> PASSOS, Maria Helena. Dois Gigantes somam Forças. **Revista Brasil e China: A Parceria de Dois Gigantes**. São Paulo, p. 4-14, junho.2004.

investimento inclui a construção de uma refinaria no Pará, a "*ABC Refinery*", e pode chegar a um total de US\$ 3 bilhões. A previsão para o início da produção é em 2007.

No campo da ciência e tecnologia, Brasil e China fizeram um acordo de cooperação para o desenvolvimento de dois satélites de sensoriamento remoto, acordo este assinado em 6 de Julho de 1988. Essa parceria concretizou-se com a construção e o lançamento dos satélites, CBERS-1 e CBERS-2, ambos com a mais moderna tecnologia. O desenvolvimento do Programa CBERS permitiu que o Brasil viesse a integrar o seleto grupo de países detentores de tecnologia de sensoriamento remoto.

Esses satélites têm como objetivo a observação dos recursos naturais terrestres, com aplicações nas áreas ambiental, urbana e agrícola. Com a cooperação entre o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), e a Academia Chinesa de Tecnologia Espacial (CAST), o primeiro satélite foi lançado em 14 de outubro de 1999. O segundo modelo de satélite sino-brasileiro de Recursos Terrestres, o CBERS-2., foi lançado do dia 21 de Outubro de 2003. O foguete que colocou o CBERS-2 em órbita, partiu do Centro de Lançamento de satélites de Taiyuan, na China. Com o exitoso lançamento dos satélites, um importante e significativo marco de cooperação internacional foi constituído entre o Brasil e a China. Juntos, já estão trabalhando na construção dos CBERS-3 e 4, que devem ser lançados proximamente.

## **CAPÍTULO 6- EXPECTATIVAS E DESAFIOS DO COMÉRCIO BRASIL-CHINA**

Há 25 anos os dois países viviam cenários complexos, em que o Brasil apresentava fortes vantagens. O país crescera no início dos anos 70 a taxas em torno de 10% ao ano – esse período ficou conhecido como o “milagre brasileiro”. A China por sua vez, era um ator sem importância do comércio internacional. Mas de lá pra cá, a China veio subindo de patamar, e o Brasil foi ficando para trás. Nos anos 90, a China ofereceu uma oportunidade de crescimento que o Brasil aproveitou apenas parcialmente. Hoje, abre-se uma nova fase mais competitiva do processo de globalização. As condições para o Brasil crescer hoje são fantásticas. E a maneira do país manter-se à tona no cenário Internacional é através da busca de uma política interna de controle fiscal e uma política externa agressiva de exportações, sem falarmos nos investimentos externos diretos, que também têm sua total importância para o Brasil.

A China tem sido considerada um dos países mais confiáveis para receber investimentos externos. Tudo isso porque o país se destaca pela infraestrutura eficiente, pelos incentivos do governo à abertura de seus mercados e por ser uma base exportadora com excelente indústria de manufaturados. Em 2003, a China recebeu US\$ 53,5 bilhões em investimentos diretos externos, cinco vezes mais que o Brasil.

Nos últimos anos o Brasil também fez avanços importantes rumo ao seu crescimento e desenvolvimento sócio-econômico. Dentre esses avanços podem ser citados sua estabilidade econômica, a alternância de poder com manutenção da ordem democrática e as suas reformas estruturais que garantiram a base mínima para o crescimento desse país. No entanto, o Brasil ainda possui alguns empecilhos ao seu crescimento. Podemos dizer que a alta carga tributária, a enorme burocracia, o crédito caro e a falta de uma melhor infra-estrutura, são grandes dificuldades ainda enfrentadas pelo Brasil.

Particularmente, a China tem se tornado um forte parceiro comercial do Brasil, principalmente porque ela está abrindo suas portas a grandes oportunidades

de negócios para o país. Apesar de estar chegando tarde ao mercado chinês e também por estar ainda despreparado, já se podem perceber grandes avanços na sua relação bilateral sino-brasileira. A China é um mercado gigantesco. Aumentar as exportações brasileiras para países que são grandes compradores é uma das formas mais seguras e sólidas, de acelerar o crescimento interno, dinamizando e fortalecendo a economia brasileira.

Hoje, os maiores desafios entre os dois países são as suas distâncias continentais (logística complicada), as diferenças culturais, principalmente, pela barreira lingüística, as particularidades do sistema chinês e o despreparo estrutural do Brasil para absorver grandes volatilidades no preço das *commodities*. Além desses quatro fatores, deve-se apontar ainda, a forte concentração da pauta de exportações brasileiras em poucos produtos de baixo valor agregado, como, a soja, o minério de ferro e aço semi-acabados. Então, um grande desafio para o Brasil, seria aumentar e diversificar a sua pauta de exportações para a China procurando encontrar espaços no comércio chinês onde eles não são bons, oferecendo-lhes produtos diferenciados e com alta qualidade.

Mudando esse cenário, o intercâmbio comercial entre o Brasil e a China aumentará, visto que, se por um lado a China tem grande importância para o Brasil, como 3º maior importador, por outro, o Brasil ainda se revela pouco importante no mercado chinês, ao responder por apenas 1,1% das importações chinesas, pelo menos em 2003.

O Brasil e a China possuem algumas barreiras que dificultam o processo do crescimento do comércio bilateral entre eles. Uma das maiores barreiras, revela-se a falta de conhecimento mútuo. Para que haja mais negócios entre os dois países é preciso um conhecimento mútuo dos potenciais de cada nação. Outro fator favorável é que as duas economias são complementares, mas é preciso divulgar mais essa questão de que, ambos são países em desenvolvimento, com grandes extensões, enormes recursos, deficiências estruturais e vazios demográficos.

### **6.1- A visita do Presidente Luís Inácio Lula da Silva**

A visita do Presidente Lula à China no dia 24 de Maio de 2004, só aumentou o conhecimento e a confiança mútua entre a China e o Brasil e promoveu um contínuo desenvolvimento de cooperação econômico-comercial e científico-tecnológico.

O Presidente levou a maior missão comercial brasileira da história, com mais de 400 empresários, entre eles, 315 empresas, sete ministros e quatro governadores. As empresas constituíam quase 20 setores: do agronegócio a bens de consumo, de consultorias de engenharia à indústria aeroespacial. Enfim, todos com o mesmo objetivo de ampliar os laços comerciais do Brasil com os chineses e de fazer as prospecções de novas oportunidades de investimentos por brasileiros na China e por chineses no Brasil. As empresas querem aproveitar o tempo e o bom momento de aproximação para aumentar os negócios.

O Presidente Lula também aproveitou um momento histórico para visitar a China: as comemorações dos 30 anos do reatamento diplomático patrocinado no governo Geisel, em 1974. Sem muralhas ideológicas, sem contenciosos históricos, o intercâmbio comercial, alcançou em 2003, segundo os dados de departamento de Promoção Comercial do Itamaraty, a marca dos US\$ 6,68 bilhões.

Por fim, a visita do Presidente à China, resultou em novas expectativas para o aumento do comércio do Brasil e aquele país. Espera-se que a visita, além de dar novos impulsos ao comércio bilateral, assegure também, os investimentos chineses no Brasil.

Tendo em vista que, a China estaria interessada em assegurar uma fonte de abastecimento, por um longo prazo, de alimentos e matérias-primas, que são produtos em que a demanda é muito grande, principalmente em um país que possui uma população de 1,3 bilhão de habitantes e onde o Brasil parece atender as condições chinesas, as perspectivas se tornam muito positivas para o Brasil. Afinal, tudo o que envolve a China hoje, é representada por muitos zeros, cifrões e muitas expectativas.

Em suas reuniões e seminários com o Presidente da China, Hu Jintao, e com suas respectivas comitivas empresariais, Lula procurou dar maior importância aos setores considerados prioritários para o Brasil, como infra-estrutura, mineração, logística, agronegócio e outros.

## **6.2- Perspectivas**

A logística, como já dito anteriormente, está se tornando um grande desafio enfrentado pelos empresários brasileiros. Esses estão encontrando dificuldades para a penetração de seus produtos no mercado chinês, principalmente, pela falta de fretes e transportes. Por esse motivo, eles têm grandes interesses nos investimentos chineses, principalmente, no setor de infra-estrutura brasileira. Há perspectivas de virem a ser realizados grandes investimentos chineses no Brasil, na área ferroviária sobretudo da região Centro-Oeste, Norte e Nordeste, bem como a construção de uma rota para o pacífico (antofagasta). Os chineses estão dispostos a investir na expansão da malhas ferroviárias brasileiras, que proporcionará o fácil escoamento de produtos como soja, madeira, minérios e álcool brasileiro para a RPC.

Nos últimos anos houve um crescimento importante do setor do agronegócio no Brasil. A produção chinesa por seu turno, está aquém da demanda crescente de proteínas do país. Esse contexto vem facilitando o aumento das importações de soja brasileira, e não parece provável que o governo Chinês adote medidas efetivas de restrição à entrada deste produto, apesar de alguns obstáculos pontuais por parte de autoridades sanitárias chinesas, que determinam a necessidade de certificação para transgênicos exportados para a China. Tais obstáculos que por vezes surgiram em decorrência de pressão dos produtores chineses de soja, tem sido superados, não constituindo estreitamento relevante ao fluxo das exportações brasileiras de soja para a RPC.

Há também por outro lado, boas perspectivas de penetração no mercado chinês das carnes brasileiras, cujas exportações começaram a se desenvolver, após terem sido proibidas em 1999, por causa dos surtos de aftosa e doença de New Castle, no Brasil. O Brasil e a China podem assinar um acordo, neste mês de novembro, durante a visita ao Brasil do Presidente da China Hu Jintao. Hoje, há uma

série de restrições sanitárias que tornam insignificantes as vendas desses produtos do Brasil para a China, um dos maiores mercados do mundo. Apesar de ser um dos maiores exportadores de carne bovina do mundo, o Brasil está praticamente ausente no mercado chinês. No caso do frango, as vendas também são irrelevantes e não podem ser exportados prontos para consumo final. Só há vendas para empresas que processam o produto industrialmente e o colocam no mercado chinês. Segundo dados do BNDES, as vendas de carne ao país asiático somaram em 2003, US\$ 2,1 milhões. O estudo do BNDES sobre o comércio Brasil-China aponta ainda a carne de frango congelada como um dos produtos que podem ter mais peso na pauta de exportações para o país asiático. Portanto, uma solução negociada das aplicações de barreiras tarifárias e fitossanitárias à carne brasileira, constituem um ponto essencial a ser tocado para que o comércio bilateral alcance novos patamares.

É pouco provável, que as exportações brasileiras de soja, suco de laranja minérios de ferro e outros metais, produtos estes cuja presença já pode ser considerada tradicional no mercado chinês venham a sofrer retrações em 2004 ou no médio prazo. O caso de produtos de maior valor agregado entretanto, é mais complexo. A RPC tem condições de abastecer a maior parte de sua enorme população com artigos de consumo certamente sem a mesma qualidade dos produtos brasileiros. Apesar de o crescimento econômico da China estar integrando parcelas consideráveis da população chinesa no processo de desenvolvimento do país, parte importante da população principalmente nas áreas rurais do país, ainda não apresenta níveis de renda propícios à aquisição de bens de consumo importados.

No setor de serviços, o Brasil tem condições de suprir o mercado chinês em certas áreas de excelência. Devido aos grandes investimentos do governo chinês em infra-estrutura, o setor de engenharia tem boas expectativas. Já se pode perceber que as empresas brasileiras estão participando de grandes projetos na China, como a Hidrelétrica de três Gargantas.

O setor bancário, ainda é pouco desenvolvido na RPC, e há grande interesse por parte deles em aprender com a experiência de outros países, como a do Brasil. O Banco do Brasil, por exemplo, já está com planos de abrir escritório em

Xangai e já vem expandindo a cooperação com bancos chineses. Entre eles, o "Bank of China" e o "China Development Bank", que tem grandes interesses de cooperação com os bancos brasileiros.

O Governo chinês por outro lado, não abre mão de exercer controle severo sobre os meios financeiros do país. Temos como um bom exemplo, o setor bancário, que é praticamente estatal em sua totalidade. As autoridades chinesas não autorizam por exemplo, a abertura de escritórios de bolsas estrangeiras na China (à exceção de Hong kong). A bolsa de mercadorias e Futuros de São Paulo (Bm & F), tentou obter em 2003, o consentimento das autoridades chinesas para a abertura de um escritório em Xangai, mas não conseguiu nada. Decidiu então, estabelecer um ponto de negócios em Xangai em associação com uma corretora chinesa, não sendo um escritório propriamente dito. O Banco do Brasil é outro que tem passado por dificuldades, na tentativa de conseguir consentimento das autoridades chinesas para estabelecer um escritório em Xangai. Ele já havia estabelecido um escritório em Pequim, mas resolveu fechá-lo em 2001, o que despertou nas autoridades chinesas sentimento de desconfiança em relação aos motivos que orientaram a decisão de fechar o negócio em Pequim. No entanto, tanto o Banco do Brasil, quanto, a Bolsa de mercadorias e Futuros de São Paulo (BM & F) têm grandes expectativas quanto à abertura de escritórios de representações em Xangai.

No campo da aeronáutica, temos o ingresso da Embraer no mercado chinês de aviação regional, por meio de uma "*Joint Venture*" com a empresa aeroespacial chinesa, AVIC II. Este é um grande exemplo de cooperação sul-sul. A Embraer firmou contrato para venda de seis aeronaves ARJ-145 com a empresa "China Southern".

Entre os grandes projetos de cooperação bilateral, deve ser ressaltada também a "*Joint Venture*" Baovale, formada pela Companhia Vale do Rio Doce e pelo Baosteel, maior siderúrgica chinesa, que constitui relevante ferramenta na atração de investimentos para o Brasil. Nesta visita à China, a CVRD está finalizando acordos empresariais no valor de mais de 2 bilhões de dólares para a construção da siderúrgica no Maranhão e para outros investimentos.

Da mesma forma, a exploração das possibilidades de cooperação entre o

Brasil e a China de serviços na área aeroespacial, bem como de software, oferece janelas de oportunidades para empresas brasileiras e chinesas.

Temos contudo a presença na China de empresas brasileiras como a Embraco com fábrica de compressores instalada em Pequim e a Sadia. A Marcopolo, empresa de fabricação de carrocerias de ônibus, também forma uma *Joint Venture* com a empresa chinesa "Changzhou Bus Company" para a produção e venda de ônibus na China.

A Petrobrás, como já dito no capítulo anterior, vem desenvolvendo diversas ações no mercado chinês. Ela está conduzindo acordo com a Sinopec, uma aliança estratégica que prevê a formação de parcerias para a prospecção de petróleo nos dois países e em terceiros mercados.

A Varig, também abriu escritório em Pequim. E com o início de uma linha área direta entre os Brasil e a China com escala em Munique, marcado para agosto próximo facilitará a aproximação entre os dois países.

Existem boas possibilidades de cooperação entre o Brasil e a China no uso do etanol como combustível. O Brasil está interessado em compartilhar com a China sua experiência na redução da poluição ambiental. Hoje, os maiores interesses da RPC situam-se tanto na esfera da produção de álcool combustível quanto na fabricação de motores adaptados aquele carburante. Outra vantagem para a China no uso do álcool combustível seria a redução da dependência de petróleo no país.

Tanto o Brasil quanto a China tem grande disposição de cooperar entre si para melhorar também a produção de cana-de-açúcar bem como nas tecnologias de fabricação de motores adaptados àquele carburante.

O turismo é outro campo onde existem perspectivas promissoras. O governo chinês tem interesse em abrir novos países e áreas para os turistas chineses por intermédio do mecanismo de "destino aprovado" (ADS - "Approved Destination Status"), que permite às operadoras de turismo chineses organizar pacotes turísticos para os grupos, mas apenas para os países que possuem o ADS. O conselho de Estado da República Popular da China aprovou a proposta brasileira para a obtenção do status de destino aprovado. O Brasil com a recente aprovação no ADS, poderá ter

operadoras de turismo chinesas que o promovam como destino turístico. Entretanto, o atual regime de vistos de turista vigente entre o Brasil e a RPC não estimula o turismo bilateral. É necessária uma facilitação de obtenção dos vistos para que os esforços e a promoção do turismo brasileiro na RPC atinja um maior alcance.

O governo chinês já estendeu o ADS a inúmeros países ou regiões, entre os quais os países do Grupo de Schengen, Dinamarca, Tailândia, Cingapura, Malásia, Filipinas, Austrália, Nova Zelândia, Coreia do Sul, Japão, Indonésia, Turquia, Egito, Índia, África do Sul, Alemanha e Cuba.

### **6.3- Acordos Comerciais<sup>34</sup>**

Um grande avanço no engajamento de importantes líderes empresariais dos dois países no processo de aproximação econômico-comercial bilateral foi marcado pela constituição do conselho empresarial Brasil-China (CEBC), criado em maio de 2004, durante a visita do Presidente Luís Inácio Lula da Silva à China. O conselho é a mais importante entidade empresarial dos dois países. Ele será destinado a coordenar as relações econômicas, comerciais e empresariais entre os dois países, especialmente nas áreas de comércio e investimentos. Do lado brasileiro, são 26 integrantes, entre os quais importantes empresas como a Vale do Rio Doce, Petrobrás, Embraer, Banco do Brasil e Sadia.

Os chineses participam com 21 representantes, quase todos de estatais. Durante as reuniões do Presidente Lula na China, foram assinados quatorze atos comerciais. Em primeiro lugar foi assinado:

1) Acordo de Cooperação Estratégica que firmam as empresas Companhia Vale do Rio Doce e Shanghai Baosteel Group Corporation, visando à criação de *Joint Ventures* para:

- construção de parte do Projeto "Pólo Siderúrgico de São Luis", no Estado do Maranhão, para a produção de 3,8 milhões de toneladas de aço;

---

<sup>34</sup> Fonte: A relação dos acordos assinados foi fornecida pelo Departamento de Promoção Comercial do Itamaraty - MRE.

- implementação de linha de transporte marítimo entre o Brasil e a China, utilizando navios do tipo "Ultra Large Ore Carrier";

- desenvolvimento, na China, de projeto de produção de carvão para exportação para o Brasil;

2) Acordo de Cooperação Estratégica que firmam as empresas Companhia Vale do Rio Doce e Yankuang Group Co. Ltd., para desenvolvimento de projeto de produção de carvão-coque para o mercado chinês, exportação para o Brasil e para terceiros mercados;

3) Acordo de Cooperação para Investimentos que firmam as empresas Yongcheng Coal & Electricity Group Co. Ltd., Shanghai Baosteel Group Corporation e Vale do Rio Doce, para formação de *Joint Venture* destinada à produção, processamento e venda de carvão;

4) Acordo-Quadro que firmam as empresas Companhia Vale do Rio Doce e Aluminium Corporation of China, para formação de *Joint Venture* destinada à exploração de bauxita e produção de alumina no Brasil, para exportação ao mercado da China;

5) Contrato que firmam as empresas Petróleo Brasileiro S/A (PETROBRAS) e SINOPEC para a exploração de petróleo em terceiros países, em especial Equador e Irã;

6) Contrato que firmam as empresas China National Machinery and Equipment Import and Export Corporation (CMEC) e Central Termelétrica do Sul (CTSUL) para construção de usina termelétrica a carvão em Cachoeira do Sul, Rio Grande do Sul;

7) Contrato que firmam as empresas Companhia Siderúrgica do Pará (COSIPAR) e Minmetals Trading Co. Ltd., para aquisição de equipamentos e tecnologia chineses e exportação de minério brasileiro para a China.

8) Contrato de Cooperação Comercial que firmam as empresas COMEXPERT - Companhia de Comércio Exterior e China Brazil Investment,

Development & Trade, para intercâmbio de coque metalúrgico, ferro gusa, algodão e açúcar.

9) Memorando de Entendimento que firmam o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e o CITIC GROUP para desenvolvimento de projetos de financiamento de *Joint Ventures* sino-brasileiras voltadas à exportação.

10) Memorando de Entendimento que firmam as empresas Companhia Brasileira de Bicycles (CBB) e Jinan Qingqi Motorcycle Co. para a formação de *Joint Venture* para fabricação no Brasil de motocicletas e suas partes e peças.

11) Memorando de Entendimento que firmam as empresas Telemar Norte Leste (OI) e China Mobile, para estabelecimento de acordo de roaming internacional preferencial.

12) Carta de Intenções que firmam as empresas Viação Aérea Rio-Grandense (VARIG) e Air China, para a operação de vôos regulares entre o Brasil e a China.

13) Memorando de Entendimento que firmam a Confederação Nacional da Indústria e a China Enterprise Confederation para intercâmbio de informações e experiências no setor industrial.

14) Carta de Intenções que firmam as empresas Três Marias Exportação e Importação e Chinapack Hua Yuan International Economic Cooperation Co. para venda de café solúvel ao mercado da China.

Há mais de dez anos, a economia chinesa vem apresentando altas taxas de crescimento, que efetivamente tem sido acompanhadas de uma elevação de renda média per capita do país integrando parcelas da população chinesa (1,3 bilhões de habitantes), no processo de crescimento econômico. Por outro lado, tais taxas de crescimento poderiam sinalizar um superaquecimento da economia chinesa, com conseqüências negativas, no médio prazo. Os empresários brasileiros, principalmente do setor de minérios, parecem estar preocupados com esta hipótese pois se a economia chinesa começar a crescer em um ritmo menos acelerado, a demanda das

importações nos próximos anos diminuirão, afetando o futuro de uma parcela considerável da produção de minérios com as exportações para o mercado chinês. Hoje, o crescimento chinês está influenciando positivamente para o intercâmbio comercial Brasil-China, pelo menos no médio prazo. E apesar dos temores mencionados, existe uma postura de confiança das empresas brasileiras no crescimento sustentado do mercado chinês marcado pelos acordos de cooperação assinados entre os dois países, durante a visita do Presidente Lula à China.

#### **6.4- Missão Oficial chinesa ao Brasil**

Com o objetivo de retribuir a viagem do Presidente Luís Inácio Lula da Silva e de firmar novos acordos de cooperação com o Brasil, o Líder da China, Hu Jintao, visitou o país na primeira quinzena de Novembro de 2004, acompanhado de 300 empresários e uma delegação representativa de autoridades do governo.

A China, apesar de ter ingressado na OMC (Organização Mundial do Comércio), em dezembro de 2001, não tem o reconhecimento de que é uma economia nas quais as regras de mercado prevalecem. A economia do país ainda tem forte influência de estatais e do comando governamental. Por isso, um dos grandes objetivos do Presidente da China era justamente o de ter reconhecimento do país como uma economia de mercado pelo Brasil, já que dos 22 países que concederam à China esse status são na sua maioria parceiros comerciais do país na Ásia.

Em suma, o governo chinês alcançou um de seus principais objetivos: O acordo que reconhece a China como economia de mercado, através do Memorando de entendimento na área de comércio e investimento. Para os chineses, esse reconhecimento é de grande significado, pois eles vão passar a desfrutar uma maior importância nas negociações do comércio internacional.

O Brasil deu uma demonstração de confiança quando se tornou um dos primeiros países a reconhecer a China como uma economia de mercado. A intensificação dos contratos entre os dois países será um passo essencial na ampliação do conhecimento mútuo e no aprofundamento das suas relações

Todavia, a visita oficial do governo chinês ao Brasil resultou em mais 10 acordos bilaterais entre o governo brasileiro e o governo chinês de grande

relevância para a crescente aliança entre os dois países. Dentre eles, estão o acordo de cooperação no combate ao crime organizado, protocolo complementar de cooperação para a construção do satélite CBERS 2-B e protocolo de cooperação para comercializar imagens produzidas pelo satélite. Além desses, também foram assinados protocolos de entendimento para cooperação na área industrial e outros relativos à quarentena e condições sanitárias para exportação de carne bovina, de frango e de ave processada e de suínos. Vale ressaltar ainda o memorando de entendimento para facilitação de viagens de turistas chineses para o Brasil.

## CONCLUSÃO

Esta monografia pretende demonstrar o quanto é importante para o Brasil suas relações comerciais para alcançar o equilíbrio em suas contas, o progresso e o desenvolvimento de que tanto necessita para a construção de um país mais justo e próspero. O Brasil e a China têm grande potencial para maiores interações bilaterais, pois são países que possuem economias complementares, interesses comuns, históricos de total ausência de contenciosos e são países de dimensões continentais, além de possuírem imensos recursos naturais. Pode-se dizer, portanto, que o aumento de seu comércio e o estreitamento de cooperação científico-tecnológico são os objetivos dos dois países.

Diante das fases de expansão das exportações e importações entre o Brasil e a China, vê-se que nos campos de comércio e de investimentos, a China se apresenta como um ator que, apesar de já ser claro protagonista nas relações internacionais, tende a crescer em importância para o Brasil, uma vez que seu potencial ainda não foi explorado ao máximo.

As condições de crescimento contínuo e substancial da economia chinesa e a necessidade de produtos que o Brasil exporta com grande competitividade, indicam as perspectivas de crescimento em conjunto. Além dos interesses na área comercial, há também o grande interesse em acordos de cooperação na área de ciência e tecnologia entre os dois países. Esse conjunto de fatores indica que o intercâmbio entre eles deverá crescer, principalmente após as visitas presidenciais, que sem dúvida, aumentou os laços de confiança mútuo entre os dois países.

Em relação ao Mercosul, a China tem muito interesse na cooperação com os outros países que também fazem parte desse bloco. Uma das dificuldades para se fechar acordos com o Mercosul refere-se à situação do Paraguai, país parceiro do Brasil no Mercosul mas que não tem relações bilaterais com a China, pois mantém relações comerciais com Taiwan, rival político histórico da China. Essa dificuldade de se firmar acordos com o Mercosul pode acarretar implicações no aprofundamento

das relações bilaterais entre o Brasil e a China, então, é preciso ser negociado essas divergências.

O Brasil e a China compartilham iguais posições em relação a muitos assuntos importantes, regionais e internacionais. Defendem a democratização da ordem internacional, a união e o desenvolvimento dos países em desenvolvimento. O G20 (Grupo de países em desenvolvimento no âmbito da OMC, liderado pelo Brasil), está dando uma grande colaboração para o crescimento da relação bilateral Brasil- China.

A visita do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva à China em maio de 2004, estreitou as relações bilaterais, não apenas políticas como também comerciais. Foram assinados acordos de cooperação com a China em diversas áreas, além da instalação do Conselho Empresarial Brasil-China, que objetiva facilitar o diálogo entre os empresários de ambos os países. As expectativas são promissoras. A chegada do Presidente da China, Hu Jintao, só demonstrou o quanto eles estão interessados em fomentar as suas relações comerciais com o Brasil. Pode-se dizer que essa parceria realmente alcançará sucesso, conforme ilustram o dinamismo e a densidade das relações de lado a lado, o aumento significativo do comércio bilateral, a criação de importantes "*Joint Ventures*" e os vários projetos de cooperação científica e tecnológica em andamento e outros ainda em fase de planejamento.

A China foi, durante muito tempo, comparada a um "gigante adormecido". Essa metáfora não seria mais apropriada nos dias de hoje. Estamos assistindo ao despertar de uma grande potência. A China, aposta no Brasil para ampliar a sua taxa de crescimento econômico, por sua vez, o Brasil acredita na diversificação da sua pauta de exportações, com produtos de alto valor agregado, que ainda hoje é uma das principais dificuldades do país.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OLIVEIRA, Carlos Tavares de . **O Despertar da China** 1980-2002: Crescimento Acelerado. São Paulo: Aduaneiras, 2002.

JUNIOR, Durval de Noronha Gayos; MCNAUGHTON, John Ferençz; XIAOFANG, Winnie Pang. **A China Pós-OMC: Direito e Comércio**. São Paulo: Observador Legal, 2002.

FUJITA, Edmundo Sussumi, **O Brasil e a China: uma parceria estratégica modelar**. Política Externa, São Paulo: Paz e Terra. Vol. 11, nº04, 2003.

KRUGMAN, Paulo R. **Economia Internacional - Teoria e Política**. São Paulo: Makron Books, 2001.

Ministério das Relações Exteriores. **Como Exportar - República Popular da China**. Brasília: MRE, 2004.

Brasil e China: Parceria de Dois Gigantes. São Paulo: Editora Brazil Now, 2004.

Parceria Brasil-China. São Paulo: CBCDE, ano II, número especial, Maio, 2004.

Revista Brasileira de Comércio Exterior, Rio de Janeiro: FUNCEX, nº 79 XVIII, Abril/Junho, 2004.

[www.braziltradenet.gov.br](http://www.braziltradenet.gov.br)

[www.mbc.gov.br](http://www.mbc.gov.br)